

Giana Bernardi Brum Vendruscolo
Fábio César Junges
Roberto Salbego Donicht
(Organizadores)

**ANAIS DA
II MOSTRA DE TRABALHOS CIENTÍFICOS DA
SEMANA ACADÊMICA DE PSICOLOGIA**

FuRI
Santo Ângelo – Brasil
2019

Copyright © EdiURI

Diagramação: Fábio César Junges

Revisão: Os autores

CATALOGAÇÃO NA FONTE

M916a Mostra de Trabalhos Científicos (2019 : Santo Ângelo, RS)
 Anais da II Mostra de Trabalhos Científicos da Semana
 Acadêmica de Psicologia [recurso eletrônico] / Organização:
 Giana Bernardi Brum Vendruscolo, Fábio César Junges, Roberto
 Salbego Donicht. – Santo Ângelo : FuRI , 2019.

72 p.

ISBN 978-85-7223-523-5

1. Psicologia - Anais. 2. Trabalhos científicos. I. Vendruscolo,
Giana Bernardi Brum (org.) II. Junges, Fábio César (org.) III.
Donicht, Roberto Salbego (org.) IV. Título.

CDU: 159.9:061.3

Responsável pela catalogação: Fernanda Ribeiro Paz - CRB 10/ 1720

2019

Fundação Regional Integrada – FuRI

Av. Universidade das Missões, 464 – Santo Ângelo/Rio Grande do Sul – CEP: 98.802-470 – Tel.: 55 (55) 3313.7900 – www.santoangelo.uri.br

UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS
MISSÕES (URI)
CAMPUS DE SANTO ÂNGELO

Reitor

Arnaldo Nogaro

Pró-Reitora de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação

Neusa Maria John Scheid

Pró-Reitora de Ensino

Edite Maria Sudbrack

Pró-Reitor de Administração

Nestor Henrique de Cesaro

URI – Campus de Santo Ângelo

Diretor-Geral

Gilberto Pacheco

Diretora Acadêmica

Marcelo Paulo Stracke

Diretora Administrativa

Berenice Beatriz Rossner Wbatuba

Coordenadora da Área do Conhecimento de Ciências Humanas

Daniela Pereira Gonzalez

Coordenadora do Curso de Psicologia

Giana Bernardi Brum Vendruscolo

Organizadores dos Anais da Mostra

Giana Bernardi Brum Vendruscolo

Fábio César Junges

Roberto Salbego Donicht

**COMITÊ CIENTÍFICO DA
II MOSTRA DE TRABALHOS CIENTÍFICOS DA SEMANA ACADÊMICA
DE PSICOLOGIA**

DANIELA PEREIRA GONZALEZ

Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
Professora do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai
e das Missões (URI), Campus Santo Ângelo – RS.

FÁBIO CÉSAR JUNGES

Doutor em Teologia pela Faculdades EST. Pós-Doutor pela Universidade regional do
Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Professor do Departamento de Ciências
Humanas da URI, Campus Santo Ângelo – RS.

GIANA BERNARDI BRUM VENDRUSCOLO

Mestre em Saúde e Comportamento pela Universidade Católica de Pelotas. Professora
do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das
Missões (URI), Campus Santo Ângelo – RS.

JOSÉ VICENTE NUNES DE ALCÂNTARA

Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do
Sul. Professor do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto
Uruguai e das Missões (URI), Campus Santo Ângelo – RS.

LIZETE DIEGUEZ PIBER

Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal de Santa Maria. Professora do
Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(URI), Campus Santo Ângelo – RS.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
<i>Giana Bernardi Brum Vendruscolo</i>	
REFLEXÕES SOBRE A RESPONSABILIDADE AMBIENTAL NA ERA DO ANTROPOCENTRISMO OU DO ANTROPOCENO.....	12
<i>Jonathan Dalla Rosa Melo</i>	
DIREITOS HUMANOS E POLÍTICA NACIONAL DE SAÚDE MENTAL	14
<i>Adriana Rafaela Paz Dias; Rosângela Angélin</i>	
ENVELHECIMENTO COMO TABU CONTEMPORÂNEO.....	16
<i>Bruna Blanke Maciel</i>	
VIVÊNCIAS DE CRIANÇAS INSERIDAS NO PROGRAMA FAMÍLIA ACOLHEDORA	18
<i>Polyana Moura Seifert</i>	
CURATELA E A DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA NA SOCIEDADE	20
<i>Luciara Busatto Machado</i>	
CLASSES MULTISSERVIADAS: INFÂNCIA E APRENDIZAGEM.....	22
<i>Naillé Belmonte Trindade</i>	
MÃES ADOLESCENTES: SENTIMENTOS COM A DESCOBERTA DA GESTAÇÃO	23
<i>Monize Priscila Rohleder</i>	
SEXUALIDADE FEMININA APÓS A MATERNIDADE.....	24
<i>Liane Mielke Wickert; Alzira Cledy Diesel Konrat</i>	
A IMPORTÂNCIA DO PSICÓLOGO NO ÂMBITO DAS ORGANIZAÇÕES.....	25
<i>Marielle Machado da Silva; Giana Bernardi Brum Vendruscolo</i>	

ACOMPANHAMENTO PSICANALÍTICO AOS TRÊS ANOS	27
<i>João Francisco Greff do Amaral; José Vicente Nunes de Alcantara</i>	
A DOENÇA DE ALZHEIMER: PERCEPÇÕES DOS FAMILIARES CUIDADORES	29
<i>Bianca Melo de Souza; Sabrina Alves de Souza</i>	
GRUPO TERAPÊUTICO E ASSISTÊNCIA SOCIAL: O GRUPO COMO RESPOSTA PROFILÁTICA AOS POSSÍVEIS SOFRIMENTOS PSÍQUICOS DA GESTAÇÃO	30
<i>João Francisco Greff do Amaral; Andréa Fricke Duarte</i>	
A APLICABILIDADE DA PSICOLOGIA FORENSE NO CASO DA FAMÍLIA PESSEGHINI E A INFLUÊNCIA DOS JOGOS DIGITAIS	32
<i>Caroline Martins de Almeida; Laís Härter; Thami Covatti Piaia</i>	
O COMEÇO DA VIDA PROFISSIONAL PARA O PSICÓLOGO RECÉM- FORMADO: DESAFIOS E PRIMEIROS PASSOS DO TRABALHO FOCADO NA ÁREA CLÍNICA	33
<i>Rafael Torres da Silva; Gustavo Wisniewski</i>	
SETEMBRO AMARELO: DESCONSTRUÇÃO DO ESTIGMA ACERCA DO SUICÍDIO	35
<i>Gustavo Wisniewski; Rafael Torres da Silva</i>	
TENACIDADE MENTAL, TRANSFORMANDO TRAUMA E AMBIENTE HOSTIL EM FORÇA PSICOLÓGICA E PRODUZINDO RESULTADOS SEM LIMITES	37
<i>Daniel Andrei Rodrigues da Silva</i>	
INDICADORES DE RISCO PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL (IRDI): QUESTÃO DE TEMPO	39
<i>Miriam de Andrade; Patrícia de Oliveira Santana; José Vicente Nunes de Alcantara</i>	
A MEDIAÇÃO E A TERAPIA DO REENCONTRO MEDIADO	41
<i>Caroline Martins de Almeida; Taíse Fernandes Pereira; Janete Rosa Martins</i>	

VIVÊNCIAS DE REFUGIADOS APÓS O PROCESSO DE MIGRAÇÃO	42
<i>Vitória Valentina Devicari Margutti; Giana Bernardi Brum Vendruscolo</i>	
A REPRESENTAÇÃO DA RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE NO PROCESSO DE CURA DE PACIENTES ACOMETIDOS POR ENFERMIDADE GRAVE	43
<i>Daniele Pilan Konzen; Rejane La Bella Flach Cunegatto</i>	
O TRABALHO NO CÁRCERE: PERCEPÇÕES DAS AGENTES PENITENCIÁRIAS DECORRENTES DA PROFISSÃO	45
<i>Maire Alves Lopes Rodrigues; Giana Bernardi Brum Vendruscolo</i>	
PAIS ANALFABETOS OU SEMIANALFABETOS E O MANEJO DAS QUESTÕES EDUCACIONAIS ESCOLARES DOS SEUS FILHOS	47
<i>Cléber Rafael Schmidt Anderle; Lizete Diegues Piber</i>	
COSMOPOLITISMO, PROBLEMAS MUNDIAIS E DIREITOS HUMANOS	49
<i>Jonathan Dalla Rosa Melo; Jordana Gabriele Vettorato; Guilherme Mendes Manske</i>	
“ISSO NÃO É COISA DE MULHER!”: A SUBJETIVIDADE DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA CONTRA AS MULHERES EM ESPAÇOS DA SEGURANÇA PÚBLICA	51
<i>Salete da Silva Hoch; Rosangela Angelin</i>	
FEMINISMO INTERSECCIONAL E APRIMORAMENTO DAS RELAÇÕES HUMANAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	53
<i>Geovana Maciel da Fonseca; Varlei Machado da Rosa; Rosangela Angelin</i>	
AS PERCEPÇÕES DE ADOLESCENTES QUE SE ENCONTRAM NA ADOLESCÊNCIA PROPRIAMENTE DITA, QUE VIVENCIAM OU VIVENCIARAM A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	55
<i>Rubia Cristiana Ferreira; Lizete Diegues Piber</i>	
AGRESSIVIDADE INFÂNTIL COMO DEMANDA ESCOLAR	57
<i>Laís Caroline Schröpfer; José Vicente Nunes de Alcântara</i>	

FEMINISMO: UMA LUTA HISTÓRICA POR DIREITOS IGUAIS E RESPEITO	59
<i>Fagner Fernandes Stasiaki; Thais Kerber de Marco</i>	
MÁQUINA DE MODIFICAÇÃO DE COMPORTAMENTOS PARA ALUGAR	61
<i>Anatiely Perez Menchik; Thami Covatti Piaia</i>	
O ESPAÇO OCUPADO PELO CAPS NA VIVÊNCIA DE MULHERES DIAGNOSTICADAS COM TRANSTORNOS MENTAIS	63
<i>Luana da Fonseca Patias; José Vicente Nunes de Alcantara</i>	
ESCOLA SEM PARTIDO	65
<i>Daniele Konzen; Laís Schropfer; Vitória Valentina Dencari Margutti; Sandra Balbé de Freitas</i>	
STRESS EM TRABALHADORES DA SAÚDE.....	67
<i>Luana da Fonseca Patias; Giana Bernardi Brum Vendruscolo</i>	
A INTERAÇÃO GRUPAL PRÉ-ADOLESCENTE NO CONTEXTO INSTITUCIONAL	69
<i>Marielle Machado da Silva; Daniele Pilan Konzen</i>	
A RESSOCIALIZAÇÃO PRISIONAL SOB A ÓTICA DA PSICOLOGIA	71
<i>Julia Caroline da Ponte; Isadora Sorteia da Ponte</i>	
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PELO TRABALHO PARA A SAÚDE PET/SAÚDE INTERPROFISSIONALIDADE	73
<i>Narciso Vieira Soares; Miriam de Andrade</i>	

APRESENTAÇÃO

O Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – campus de Santo Ângelo, integra atividades de ensino, pesquisa e extensão. Neste sentido, a II Mostra de Trabalhos Científicos da Semana Acadêmica de Psicologia da XIII Semana Acadêmica de Psicologia, constituiu-se num importante espaço de discussão e socialização de pesquisas oriundas de projetos de pesquisa e de extensão, bem como das atividades de ensino de diversos Cursos da URI e de outras Instituições de Ensino Superior da região.

Apesar de ser a primeira edição, a diversidade de temáticas de trabalhos que integram os Anais da II Mostra de Trabalhos Científicos da Semana Acadêmica de Psicologia, revela a Mostra como um momento privilegiado de reflexão sobre questões de saúde, educação, violência, trabalho, família, escola, etc. Além da qualidade dos trabalhos apresentados e aqui publicados, cabe destacar o considerável número de trabalhos submetidos, consolidando a Mostra de Trabalhos de Psicologia.

Desejamos a todos e a todas uma excelente leitura!

Prof.^a Giana Bernardi Brum Vendruscolo

Pela Comissão Organizadora

REFLEXÕES SOBRE A RESPONSABILIDADE AMBIENTAL NA ERA DO ANTROPOCENTRISMO OU DO ANTROPOCENO

Jonathan Dalla Rosa Melo

Doutorando em Direito, UNIJUÍ, jonathandallarosa@gmail.com

Resumo: A necessidade de refletir sobre a questão da modernidade é fundamental para a compreensão da relação da linguagem, no pensamento político moderno em Hegel, evidencia-se alguns elementos para a compreensão de como a liberdade é entendida pela sociedade na atualidade, já que na qual funda-se muitos questionamentos sobre o real sentido da vida. Destaca-se as noções de contratualismo na constituição dos Estados modernos e na constituição do método científico ao qual chama-se atenção ao desenvolvimento desenfreado que se vivencia a atual sociedade. O presente resumo tem como ponto de partida as obras escritas por Hegel, tratando-se em um primeiro momento, em que realiza-se algumas reflexões sobre o real sentido da vida na modernidade: a relação ser humano e natureza evidenciando alguns argumentos sobre a racionalidade ambiental da sociedade moderna utilizando-se de inúmeros autores que contribuem para o desenvolvimento do presente resumo. Em um segundo momento evidencia-se, portanto, as questões da modernidade e sua relação entre sujeito e objeto que são de fundamental importância para o entendimento do que é a filosofia moderna e a contribuição de uma nova racionalidade ambiental pautada pela perspectiva da responsabilidade. A nova racionalidade ambiental passa por um equilíbrio cooperativo entre o sujeito e o objeto, o que, portanto, evidencia-se pela convergência de uma relação social, é a que deve prevalecer. Portanto, pouco difundida no Brasil, mas de grande relevância, Moser (1998) diz que a: Psicologia Ambiental estuda a pessoa em seu contexto, tendo como tema central as “inter-relações” – e não somente as relações – entre a pessoa e o meio ambiente físico e social. Esse processo se faz pela educação ambiental de um retorno de sentido de vida ao qual deve ser pautado pela responsabilidade. A responsabilidade a que se fala é a de entendimento de que se precisa do entendimento da complexidade ambiental

é fundamental para a conversão ambiental de paradigmas que já não dão conta dos processos e discursos da humanidade, já que o próprio conceito de humanidade é uma criação da modernidade. Enfim, a educação ambiental se faz pela recuperação do pensamento forte ao qual se pauta em um eterno retorno filosófico que com certeza faz uma justiça social de compreensão para uma nova convivência de superação do abismo anulatório da própria vida.

Palavras-chave: Psicologia Ambiental. Racionalidade. Ser Humano.

DIREITOS HUMANOS E POLÍTICA NACIONAL DE SAÚDE MENTAL

Adriana Rafaela Paz Dias

Graduanda em Direito, URI, adrianarpdias@aluno.santoangelo.uri.br

Rosângela Angelin

Professora do Curso de Direito, URI, rosangelaangelin@yahoo.com.br

Resumo: O estudo busca compreender os avanços da Política Nacional de Saúde Mental (PNSM) para a efetivação dos direitos humanos das pessoas com transtornos mentais. A referida política teve seu início em 1980 com o objetivo de mudar a realidade dos manicômios, onde viviam mais de cem mil pessoas com transtornos mentais. Entre as mudanças estava a substituição do modelo de saúde mental baseado no hospital psiquiátrico por um modelo europeu de serviço comunitário com forte inserção territorial. Dessa forma, houve a chamada (des)institucionalização de moradores de manicômios para serviços de atenção psicossocial, visando a (re)inserção dessas pessoas em seus territórios existenciais. Com isso, a atenção aos portadores de transtornos mentais passa a ter como objetivo não somente o controle de sua sintomatologia, mas também o pleno exercício da sua cidadania tutelando os princípios constitucionais. Com o fim de garantir a efetivação da cidadania dessas pessoas foram organizados serviços abertos com participação ativa dos usuários que, somando-se a outras políticas públicas, possibilitou o acesso a direitos inclusivos como educação, moradia, trabalho, cultura, etc. Uma das dificuldades de implementação da política inclusiva supracitada, era lograr alcançar a saúde mental além do SUS, e para ser realizado implicava na abertura da sociedade para sua própria diversidade. Destaca-se que, a principal diretriz da PNSM, inspirada na reforma psiquiátrica brasileira, consiste na redução gradual e planejada de leitos em hospitais psiquiátricos, priorizando concomitantemente, a implantação de serviços e ações de saúde mental de base comunitária, capazes de atender com resolubilidade os pacientes que necessitem de atenção. Dentro dessa perspectiva, a família é requisitada como parceira dos novos serviços e reafirmada como um dos possíveis espaços do provimento de cuidado, passando a ser concebida

como necessária e aliada no cuidado de seu familiar em sofrimento psíquico. Dessa forma, o que se almeja não é simplesmente a transferência da pessoa com sofrimento mental para fora dos muros do hospital, entregando-o aos cuidados de quem puder assisti-lo ou largando-o à própria sorte. Espera-se o resgate ou o estabelecimento da sua cidadania, “o respeito a sua singularidade e subjetividade, tornando-o como sujeito de seu próprio tratamento sem a ideia de cura como o único horizonte. Espera-se, assim, a autonomia e a reintegração do sujeito à família e à sociedade” (GONÇALVES; SENA, 2001, p. 51). Os profissionais de Saúde, em muitas situações, esperam que a família aceite e cuide da pessoa em sofrimento psíquico intenso sem se dar conta de que não estão lhe oferecendo suporte nem orientações; ou percebem o familiar como um simples informante das alterações apresentadas pela pessoa em tratamento, que deve seguir passivamente suas prescrições de tratamento. Considerar a família como protagonista do cuidado reabilitador é um verdadeiro desafio. Ao acolher suas demandas e dificuldades de convívio com um familiar em sofrimento psíquico intenso, o profissional promove o suporte possível para as solicitações manifestas.

Palavras-chave: Política Nacional. Direitos Humanos. Princípios.

ENVELHECIMENTO COMO TABU CONTEMPORÂNEO

Bruna Blanke Maciel

Graduanda em Psicologia, UNIJUÍ, bruna.blanke@yahoo.com.br

Resumo: Lendo o trabalho de Freud, Totem e Tabu (1912-1913), pode-se relacionar diversos movimentos sociais com os Tabus constituintes. Sendo essas proibições as bases para a constituição de uma civilização, uma vez que proíbem a realização das pulsões sexuais e agressivas, pensei a relação existente entre o envelhecimento e o tabu que ali habita, isso porque hoje estamos imersos em uma realidade onde envelhecer não nos é mais permitido. É muito impreciso afirmar quando o sujeito fica velho, que fatores determinam isso, Mannoni (1995) nos traz a velhice pensada em um tempo lógico, que pode ser considerado o tempo real do sujeito, também considerada a partir das identificações que o sujeito foi fazendo ao longo da vida e das suas relações sociais. Para Mucida (2014, p. 68) “a velhice é descrita a pena da queda do desejo da decrepitude e da doença: todas as reduções são tratadas como perdas irreparáveis e o idoso como um morto que vive”. Assim, estar velho passa a ser um tabu. Araújo e Andrade (2012) mencionam uma relação muito interessante entre o que era tabu e o estigma social, todo aquele estigmatizado deve ser evitado, retirado do contato e convívio com o grupo constituinte, pois pode prejudicar o “funcionamento” dos demais. Os sujeitos que envelhecem de certa maneira incorporam esse papel, pois denunciam o real que tentamos a todo custo refutar e adiar. Para muitos envelhecer diz de um processo enorme de perdas, o sujeito tem que estar em constante elaboração desses processos de luto para que possa minimamente envelhecer tranquilo. O luto deve ser encarado como mais um processo psíquico necessário ao envelhecimento, Freud (1917) já mencionava que o luto é um processo natural inerente a perda, e fundamental para superação da falta do objeto perdido. Desta maneira o processo de luto que o idoso passa ao longo do processo de envelhecimento lhe dá, muitas vezes, condições subjetivas para passar por esse período que diz de angustias, incertezas, medos e principalmente de um processo de finitude. Poder falar e também escutar acerca do envelhecer e

sobre a morte que está cada vez mais próxima, permite que o sujeito compreenda sua pequenez diante da natureza e viva de maneira mais simbólica e discursiva dentro do social, porém estamos muito distantes dessa realidade. Ainda sequer suportamos admitir a verdade sobre nós mesmo, quem dirá pensa-la assim como mais uma fase a ser vivida, muito ainda temos a avançar nesse caminhar constituinte do laço social que nos une como civilização. Talvez pensar questões fundamentais como o direito de envelhecer e também de querer morrer sendo velho devam começar a ser pauta das nossas rodas, pois o real de certa maneira cega aquele que possui palavra, porém, dar-lhe uma simbolização e um lugar, é necessário para que possamos nos reconhecer como sujeito de linguagem.

Palavras-chave: Envelhecimento. Tabu. Morte.

VIVÊNCIAS DE CRIANÇAS INSERIDAS NO PROGRAMA FAMÍLIA ACOLHEDORA

Polyana Moura Seifert

Graduanda em Psicologia, URI, poly_seifert@hotmail.com

Resumo: A existência de uma cultura informal de acolhimento de crianças e adolescentes dá fundamento para se discutir ações alternativas de proteção à infância e juventude. O Programa Família Acolhedora respeita a individualidade das crianças e adolescentes, dedicando um olhar responsável e cuidadoso para a resolução de cada problemática em particular, favorecendo a sua reestruturação psíquica. O objetivo geral de analisar as vivências das crianças inseridas no Programa Família da região Noroeste/RS, com objetivos específicos de identificar o percurso de moradia da criança ou adolescente até a atual família acolhedora. Examinar como a criança se sente na atual família acolhedora. Averiguar como a criança e adolescente percebe o término do período de acolhimento familiar. Esclarecer como era o convívio da criança na família de origem e se o acolhido deseja retornar a família de biológica. Investigar como a criança acolhida sente-se em relação a uma possível adoção. Verificar quais as expectativas das crianças para o futuro. A metodologia da pesquisa pautou-se no modelo qualitativo, descritivo e exploratório com delineamento de estudo de caso, com dois sujeitos e o instrumento foi entrevista semiestruturada. As crianças e os adolescentes precisam interagir efetivamente com pessoas que transmitam segurança, capaz de ouvi-las, valorizar suas perguntas, e seu potencial. O acolhimento familiar fornece recursos para o enfrentamento de situações que antes causavam insegurança, mal estar, assim podendo a criança e adolescente expressarem sem medo seus sentimentos. A pesquisa constatou que as crianças mudam de residência algumas vezes, até conseguirem uma família estruturada que os acolha, no entanto, mesmo inseridas numa boa família acolhedora continuam com os laços de afeto com seus pais biológicos e não almejam serem adotadas no futuro. A pesquisa trouxe um espaço para que as narrativas dessas crianças pudessem sair do desconhecido, e analisadas com empatia. Portanto, além da contribuição para literatura acadêmica na área, podemos considerar os

benefícios do programa na vida das crianças e do seu futuro.

Palavras-chave: Crianças. Adolescentes. Família Acolhedora.

CURATELA E A DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA NA SOCIEDADE

Luciara Busatto Machado

Graduando em Direito, URI, busatto_luciara@hotmail.com

Resumo: O instituto da curatela é tradicionalmente uma espécie de ônus pelo qual o curador fica responsável por administrar os bens e a pessoa do curatelado, já que este é considerado incapaz, nos termos da lei, de exprimir de forma válida a sua vontade para a realização de negócios jurídicos. O regime jurídico das incapacidades, então, tem a finalidade de proteger os indivíduos que não possuem o discernimento necessário para exprimir uma vontade válida – em outros termos: aqueles que não têm autonomia para, por si sós, relacionarem-se juridicamente na vida civil, porquanto impossibilitados de formar, de maneira apropriada, a sua vontade, já que não têm a capacidade civil de querer e de entender. No caso dos absolutamente incapazes, por não possuírem o discernimento necessário à prática dos atos da vida civil, somente poderão agir por meio de seus representantes; ao passo em que os relativamente incapazes, posto possuírem algum discernimento, poderão praticar alguns atos civis, sempre assistidos pelos respectivos responsáveis. Dentre as novas bandeiras do movimento internacional pelos direitos humanos está a necessidade de revisão de antigos institutos que minam a capacidade de agir e a autonomia da pessoa. O propósito é garantir-se a todos o direito de expressão e autoconstrução, notadamente no que diz respeito às situações pessoais e existenciais. Nessa direção, foram empregadas mudanças estruturais e funcionais no instituto da curatela, bem como no que diz respeito à teoria da incapacidade civil, afetando diretamente alguns dos institutos do Direito Civil, como a interdição, a curatela, ser testemunha, da mesma maneira que implementou a figura do instituto da tomada de decisão apoiada, até então novidade para o direito brasileiro. O Estatuto da Pessoa com Deficiência ao alterar os requisitos da curatela, foi assertivo, uma vez que proporcionou mais liberdade ao curatelado. Sendo assim, adotou-se a ideia de que com a nova redação trazida pelo Estatuto, às pessoas com deficiência hoje tem uma vida com mais dignidade e respeito. Uma das

maiores alterações no Código Civil foi, sem dúvida, em relação à capacidade civil e em decorrência disso, mudou também o instituto da curatela. Essa alteração no instituto vem causando várias interpretações, pois em sua nova redação, suprimiu as hipóteses anteriormente previstas de aplicação da curatela em relação às pessoas que não tenham o necessário de discernimento para atos da vida civil, bem como as pessoas com deficiência mental e para as pessoas sem o completo desenvolvimento mental. Além disso, o Estatuto transformou a curatela para algo meramente financeiro, ou seja, a partir de agora, a curatela só terá efeitos econômicos e negociais, não mais intervindo nas questões pessoais do indivíduo em situação de curatela. Essa mudança trouxe muito mais liberdade para o curatelado, uma vez que este poderá casar, ter filhos, adotar e até mesmo votar, tudo em consonância e em respeito ao princípio da dignidade da pessoa humana.

Palavras-chave: Direito. Dignidade. Curatela

CLASSES MULTISSERIADAS: INFÂNCIA E APRENDIZAGEM

Naillé Belmonte Trindade

Graduanda de Psicologia, URI, naille_bt@hotmail.com

Resumo: Este artigo tem como finalidade descrever e analisar as observações realizadas no decorrer do Estágio Básico de Observação e relacionar com os conhecimentos obtidos previamente em disciplinas estudadas no curso de Psicologia, bem como com o referencial teórico abordado. Neste, serão apresentados alguns aspectos acerca da infância e seu desenvolvimento na sociedade e na conjuntura escolar e características presentes nas escolas rurais que abordam variadas formas de ensino-aprendizagem em classes multisseriadas e as estratégias adotadas por elas, buscando analisar o contexto comunitário em que os alunos estão inseridos, suas experiências, correlacionando com a aquisição de conhecimentos, com as relações sociais e com a aprendizagem obtida pelos alunos, seja através da vivência coletiva ou subjetiva. A multisseriação das classes é exposta de forma a ser compreendida a partir de sua necessidade devido à fatores variados encontrados nas escolas, enunciando algumas peculiaridades desse fenômeno. Discute-se também as formas de subjetivação encontradas nas experiências de aprendizagem, relacionando o contexto social das crianças com as diversas maneiras de apreensão do conhecimento. A partir deste estágio pode-se concluir que o ensino multisseriado, possui elementos positivos, como por exemplo no que diz respeito às trocas de conhecimentos entre os alunos mais velhos, que, em geral, detém um conhecimento mais avançado em relação aos mais novos e negativos, podendo-se citar a dificuldade da professora em ministrar uma aula que abranja a todos os níveis de saber e que possa atender as necessidades individuais de cada aluno, mesmo considerando que a turma era composta por número reduzido de alunos. A partir deste estudo considera-se fundamental sugerir uma reavaliação das metodologias de ensino presentes neste sistema, a fim de que possibilitem maior eficácia na educação.

Palavras-chave: Classes Multisseriadas. Infância. Aprendizagem.

MÃES ADOLESCENTES: SENTIMENTOS COM A DESCOBERTA DA GESTAÇÃO

Monizze Priscila Robleder

Graduanda em Psicologia, URI, monyrohleder@hotmail.com

Resumo: Diante do exposto a uma sociedade moderna, à gravidez precoce está se tornando cada vez mais comum, em razão de os adolescentes estarem começando a vida sexual mais cedo. A adolescência e gravidez quando acontecem juntas, repercute em grandes transformações, em especial para os adolescentes envolvidos e seus familiares. O objetivo desta pesquisa foi investigar os sentimentos das adolescentes ao descobrir a gestação. Tendo como objetivos específicos: Explorar se a adolescente utilizava algum método contraceptivo. Averiguar como estava a relação do casal no momento da gravidez. Verificar como foi a reação do pai da criança em relação à descoberta da gravidez. Verificar como os familiares reagiram com a descoberta da gestação. Apurar quais foram as primeiras providências efetivadas em relação à saúde da mãe e do bebê. Averiguar quais foram às mudanças que ocorreram na vida da adolescente após a descoberta da gestação. A pesquisa é de natureza qualitativa, exploratória, descritiva e o delineamento foi estudo de casos múltiplos. Os sujeitos da pesquisa foram duas jovens adolescentes, da cidade de Santo Ângelo, que estão ou estiveram grávidas, idade entre doze a dezoito anos. A forma de acesso aos sujeitos foi por intencionalidade. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada. A partir da análise do conteúdo das entrevistas foram desenvolvidas três categorias, onde se concluiu que as mudanças iniciais com a descoberta da gravidez provocam efeitos emocionais nas adolescentes e com o decorrer do tempo há uma adaptação e apoio familiar, se configurando em seus discursos.

Palavras-chave: Adolescentes. Gravidez. Sentimentos.

SEXUALIDADE FEMININA APÓS A MATERNIDADE

Liane Mielke Wickert

Graduanda de Psicologia, URI, lianemw.lmw@gmail.com

Alzira Cledy Diesel Konrat

Professora do Curso de Psicologia, URI, akonrat@san.uri.br

Resumo: O presente trabalho é o resultado de pesquisa sobre a sexualidade feminina após a maternidade. Este estudo teve como objetivo analisar o sentimento de mulheres de vinte e cinco a trinta e cinco anos, com filhos de até cinco anos, em relação aos seus sentimentos em relação a sua sexualidade após o nascimento dos filhos, conhecer seus sentimentos em relação ao seu corpo antes e depois da gestação, verificar como ficou sua vida sexual durante o puerpério, averiguar se houveram mudanças na sua sexualidade após a maternidade, se sentiram dores durante o ato sexual após a maternidade. Quanto à metodologia, tratou-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória. Apresenta como delineamento estudo de caso múltiplo. A acessibilidade foi a forma de acesso aos sujeitos. Quanto aos procedimentos técnicos e éticos, após a aprovação pela banca de professores do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, campus Santo Ângelo, foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética. Os riscos foram mínimos, caso as participantes passassem por desconforto psicológico, seriam encaminhadas para serviços com suas necessidades, por conta do pesquisador. Após a coleta de dados, os dados foram analisados através da análise de conteúdo. A questão norteadora é: Quais os sentimentos da mulher em relação à sua sexualidade após a maternidade. Constatou-se que após o nascimento do filho os sentimentos são muitos, entre eles a preocupação com dor e diminuição do desejo sexual. E que não basta dizer às mulheres quando podem reiniciar as atividades sexuais, pois cada uma encontrará o seu tempo, considerando que há dificuldades por parte de algumas mulheres determinadas também pelos estados de exaustão e preocupação em bem atender às necessidades do filho.

Palavras-chave: Sexualidade Feminina. Maternidade. Sentimentos.

A IMPORTÂNCIA DO PSICÓLOGO NO ÂMBITO DAS ORGANIZAÇÕES

Marielle Machado da Silva

Acadêmica de Psicologia, URI, ma.ri.elle@hotmail.com

Giana Bernardi Brum Vendruscolo

Professora do Curso de Psicologia, URI, giana@san.uri.br

Resumo: Este trabalho foi realizado a partir do estágio de práticas sociais e institucionais do curso de psicologia, dentro do projeto de gestão e saúde do trabalhador, com o objetivo de desenvolver intervenções dentro das organizações, visando prevenir e solucionar questões relacionadas ao desenvolvimento da empresa e à saúde psíquica dos trabalhadores. Visto que, atualmente o profissional psicólogo se faz necessário em diversos âmbitos da nossa sociedade. Desta forma, é natural que dentro de qualquer empresa também seja de extrema importância sua presença, pois vivemos em uma sociedade, onde cada vez mais, as pessoas preocupam-se e ocupam-se com questões em torno do trabalho. Muitas vezes aparentando, que nossa existência só fará algum sentido, se buscarmos nos profissionalizar e trabalhar enfim. Diante desse contexto que a maioria das pessoas estão inseridas, é natural que a busca pelo trabalho ideal seja constante, e que toda essa ênfase direcionada ao trabalho em algum momento, acabe gerando frustrações e adoecimento. Muitas vezes, as organizações acabam não percebendo, que a base para o sucesso, depende diretamente do trabalhador e de sua saúde psíquica. Sendo assim, foram realizadas intervenções em três organizações diferentes. Na primeira empresa, foi realizado um diagnóstico organizacional, visando identificar possíveis falhas e problemas dentro da organização, com o objetivo de desenvolver estratégias para melhoramentos. Na segunda empresa foi realizada uma pesquisa de clima e na terceira foram desenvolvidas atividades grupais com a equipe de colaboradores, com o intuito de promover um espaço de reflexão diante do trabalho. Em face disso, ressalta-se a relevância do trabalho do psicólogo, na prevenção e na promoção de saúde mental dentro das organizações. Constata-se então, que o trabalho do psicólogo organizacional, é essencial para promover intervenções dirigidas à saúde do

trabalhador e também para contribuir com todo o contexto empresarial. Portanto, diante do que foi exposto, podemos observar que o psicólogo possui um papel indispensável dentro das organizações, pois será este profissional que desempenhará e auxiliará em diversas questões fundamentais dentro das empresas, promovendo saúde mental para os trabalhadores e conseqüentemente contribuindo para o êxito organizacional.

Palavras-chave: Organizações. Psicologia. Saúde Mental.

ACOMPANHAMENTO PSICANALÍTICO AOS TRÊS ANOS

João Francisco Greff do Amaral

Graduando em Psicologia, URI, joao.francisco.amaral@hotmail.com

José Vicente Nunes de Alcantara

Professor do Curso de Psicologia, URI, jalcantara@san.uri.br

Resumo: A presente pesquisa interventiva de caráter longitudinal enseja o Acompanhamento Psicanalítico de crianças entre vinte e quatro a quarenta e oito meses de idade, inseridas no contexto Municipal de Educação Infantil. Para tanto, se propôs avaliar e descrever a constituição psíquica e subjetiva de 20 bebês/crianças que frequentam berçários durante os primeiros anos de vida, analisando a qualidade das relações entre criança/educador. Uma vez que este projeto revela-se uma etapa *a posteriori* do projeto inicial “*A Constituição do sujeito e a Metodologia IRDI com bebês/crianças de 0 a 18 meses de Escolas Municipais de Educação Infantil em Santo Ângelo*” – (realizado entre agosto/2016 e julho/2018), a Metodologia AP3 (no formato de Acompanhamento Psicanalítico) buscará avaliar possíveis interlocuções com os indicadores detectados ao longo da pesquisa com a Metodologia IRDI, assim, analisando a posição subjetiva das crianças aos 3 anos de idade. As estratégias metodológicas preveem o acompanhamento dos bebês/crianças quinzenalmente nas escolas e em interação com seus educadores; a realização de reuniões periódicas com os pesquisadores será feita semanalmente; acontecerão, também, seminários de estudo e a elaboração de um Minicurso de Formação para os Educadores. Em seus desdobramentos iniciais, a pesquisa buscou organizar o panorama geral no que tange os sujeitos participantes e as escolas que desejam participar da pesquisa. Em suma, os percursos seguidos até aqui, possibilitaram a realização de um Curso de Formação para Educadores, em conjunto com a Secretaria Municipal de Educação (SMED), a fim de apresentar uma devolução para os educadores a partir dos dois anos de pesquisa realizados com a Metodologia IRDI e promover uma discussão acerca do desenvolvimento subjetivo dos bebês. Neste contexto do curso, apresentamos, também, a proposta atual de

Acompanhamento Psicanalítico, que será realizada nas escolas participantes entre o ano de 2019 e 2020. Os resultados parciais desta pesquisa sugerem que apesar da educação infantil encontrar diversas limitações, a implicação e participação dos educadores, revela-se crucial na suplementação de carências maternas experimentadas por bebês/crianças que frequentam berçários em seus primeiros quarenta e oito meses de vida.

Palavras-chave: Acompanhamento Psicanalítico. Desenvolvimento Subjetivo. Educação Infantil.

A DOENÇA DE ALZHEIMER: PERCEPÇÕES DOS FAMILIARES CUIDADORES

Bianca Melo de Souza

Graduanda em Psicologia, URI, bia.melo1996@hotmail.com

Sabrina Alves de Souza

Professora do Curso de Psicologia, URI, sabrina@san.uri.br

Resumo: O presente trabalho tem como tema a doença de Alzheimer na percepção dos familiares cuidadores. A doença de Alzheimer é sofrida por em média 35,6 milhões de pessoas em todo o mundo e na grande maioria dos casos seus cuidadores são seus próprios familiares. Sabe-se que são inúmeras as famílias que sofrem diariamente em ver seu familiar doente, onde na maioria delas, quem cuida do idoso com a doença de Alzheimer são os próprios membros da família, trazendo consequências físicas e mentais. O estudo teve como objetivo geral analisar a percepção de cuidadores com relação à doença de Alzheimer e os cuidados dispensados ao familiar portador da mesma. A pesquisa foi desenvolvida com três sujeitos familiares cuidadores de idosos com a doença de Alzheimer, a partir de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, com delineamento feito através do estudo de caso. Os dados obtidos na pesquisa foram analisados através da análise de conteúdo, onde os entrevistados demonstraram que se sentem muito sobrecarregados e angustiados com os cuidados dispensados ao seu familiar porém demonstram se sentirem capazes de destinar estes cuidados ao seu ente querido. Com esta pesquisa foi constatado que são inúmeras as percepções que o familiar tem sobre a sua tarefa de ser cuidador de um idoso com a doença de Alzheimer, esta tarefa que implica em diversas mudanças na vida do sujeito. Necessita-se que os cuidadores familiares de idosos com a doença de Alzheimer possam receber uma maior atenção de redes de apoio. O atendimento psicológico contribui para o processo de cuidar, facilitando seu manejo com o doente e diminuindo os fatores de angústia, estresse e sobrecarga.

Palavras-chave: Alzheimer. Percepções. Cuidadores.

GRUPO TERAPÊUTICO E ASSISTÊNCIA SOCIAL: O GRUPO COMO RESPOSTA PROFILÁTICA AOS POSSÍVEIS SOFRIMENTOS PSÍQUICOS DA GESTAÇÃO

João Francisco Greff do Amaral

Graduando em Psicologia, URI, joao.francisco.amaral@hotmail.com

Andréa Fricke Duarte

Professora do Curso de Psicologia, URI, andreaduarte@san.uri.br

Resumo: O presente trabalho surge a partir da experiência de estágio profissionalizante em psicologia, com ênfase em intervenções institucionais e comunitárias. A prática vem acontecendo semanalmente em um *Centro de Referência de Assistência Social (CRAS)* da Região Noroeste do Rio Grande do Sul. Neste caso, cada encontro com o grupo tem a duração de três horas, sendo eles alternados em uma semana de grupo terapêutico (onde acontecem rodas de conversas sobre os temas que as gestantes apontam como angustiantes) e outra semana de oficinas de artesanato (direcionado à confecção do enxoval do bebê). Doravante, a proposta de Grupo Terapêutico com gestantes encontra alicerce na psicanálise, sustentando um modelo de *grupo operativo* através da metodologia de Pichon-Rivière (1983). Assim, na tentativa de construir um espaço potencial de narrativas, a operação do grupo está relacionada às angústias que acoçam as gestantes (medo do parto, receio da “maternagem” etc). Para tanto, entendemos por terapêutico o acolhimento das diferentes angústias que perpassam este momento específico chamado gestação e, preconizamos um movimento profilático (preventivo) a fim de dar um sentido a estas angústias, deste modo, promovendo alterações significativas no funcionamento psíquico dos sujeitos. Em todo caso, compreende-se que a vulnerabilidade social e o ideal-gestação, por ora, podem ser um mecanismo precursor do sofrimento psíquico em mulheres que estão gestantes. Nossos achados até então são capazes de sustentar que a escuta atenta com gestantes, bem como, o trabalho preventivo, através de rodas de conversa, artesanato e acesso às informações, são dispositivos capazes de proporcionar um sentido mais saudável às mulheres-gestantes, uma vez que, este

espaço serve como um catalizador de angústias.

Palavras-chave: Assistência Social. Gestação. Grupo Terapêutico.

A APLICABILIDADE DA PSICOLOGIA FORENSE NO CASO DA FAMÍLIA PESSEGHINI E A INFLUÊNCIA DOS JOGOS DIGITAIS

Caroline Martins de Almeida

Graduanda de Direito, URI, caroline_ma7@hotmail.com

Laís Härter

Graduanda de Direito, URI, laisharter@outlook.com

Thami Covatti Piaia

Professora do Curso de Direito, URI, thamicovatti@hotmail.com

Resumo: Em uma sociedade marcada pela atualização constante dos meios tecnológicos, a violência por vezes se faz presente, sendo expressada de forma física ou virtual e atingindo, por consequência, bens jurídicos penalmente tutelados como, por exemplo, a vida. O presente trabalho visa realizar um concatenado estudo sobre a chacina ocorrida na Família Pessegghini, em 05 agosto de 2013 que culminou na morte dos pais e avó de Marcelo Eduardo Bovo Pessegghini, menor de idade na época, ao qual foi atribuído o crime por meio da aplicação da psicologia forense que analisou seu comportamento, em especial em jogos de computador. De tal forma, o problema gerador do presente trabalho se encontra na linha tênue entre a influência no cometimento de ações pelos indivíduos decorrentes de jogos eletrônicos e a efetivação de tais atos. Certo que fazer uso de jogos virtuais e utilizar foto de personagens do mesmo nas redes sociais caracterizam a personalidade, influência, gosto pessoal e as características que moldam o ser. Todavia, seria possível tais elementos condenarem um adolescente a prática do assassinato de seus pais e demais membros de sua família, findando com seu posterior suicídio? Notório fato que a sociedade como um todo atribui a influência dos jogos eletrônicos violentos às ações juvenis agressivas, porém, no caso em tela, considerado como um dos mais mal explicados do Brasil, a versão dada pela Polícia que investigou o caso deixa brechas para deduzir que nem tudo ocorreu como a versão publicada.

Palavras-chave: Poder de Polícia. Jogos. Caso Família Pessegghini.

O COMEÇO DA VIDA PROFISSIONAL PARA O PSICÓLOGO RECÉM-FORMADO: DESAFIOS E PRIMEIROS PASSOS DO TRABALHO FOCADO NA ÁREA CLÍNICA

Rafael Torres da Silva

Graduado em Psicologia, URI, rafaeltorres.psi@gmail.com

Gustavo Wisniewski

Graduado em Psicologia, URI, gustavowisni@gmail.com

Resumo: A psicologia clínica é uma área de atuação que tem como objetivo o acolhimento à demanda do paciente e elaboração de estratégias que visam à melhora na sua qualidade de vida. Muitos profissionais recém-graduados optam pela atuação nesse contexto profissional e encontram desafios perante a prática, como, por exemplo, a angústia perante o exercício autônomo da profissão, sem o amparo da instituição e os benefícios do estágio curricular e, também, a manutenção dos valores econômicos decorrentes dos pagamentos pelo atendimento terapêutico prestado. Esse devido trabalho tem como objetivo apresentar a experiência na área de atuação e no mercado de trabalho de dois profissionais psicólogos recém-formados. O trabalho irá apresentar as perspectivas desde os estágios curriculares até os primeiros meses de experiência como profissionais autônomos. Foca também em fazer comparativos entre a realidade clínica durante e depois da graduação, desde os benefícios quanto às dificuldades enfrentadas, salientando a experiência adquirida nesse tempo. O processo de atendimento ao paciente, no contexto de trabalho de um dos autores desse trabalho, toma como base o método psicanalítico, então a fala da paciente é de suma importância para a formação da demanda e, visando um avanço em sua qualidade de vida, o estabelecimento de uma relação transferencial positiva é necessário no desenvolvimento deste estágio clínico. O método da TCC (Terapia Cognitivo-Comportamental) é o processo de atendimento utilizado pelo outro autor desse trabalho. O princípio da TCC é de que nossas representações de eventos tanto internos quanto externos, não sendo um evento em si, determinam nossas respostas emocionais e comportamentais; sendo então nossas cognições

e interpretações que irão refletir no nosso modo de processar informação e representar o real. Os desafios e primeiros passos de ambos profissionais tem sido de altos e baixos, devido ao enfrentamento de espaços inexplorados na vida profissional que na realização dos estágios não enfrentávamos. Apesar das diferenças da clínica durante estágio curricular e a clínica após graduação, podemos dizer que os novos desafios reforçaram todo o aprendizado durante os anos de curso, pois precisamos colocar tudo em prática como profissionais autônomos, criando nossa própria identidade como psicólogos.

Palavras-chave: Psicologia. Clínica. Autonomia.

SETEMBRO AMARELO: DESCONSTRUÇÃO DO ESTIGMA ACERCA DO SUICÍDIO

Gustavo Wisniewski

Graduado em Psicologia, URI, gustavowisni@gmail.com

Rafael Torres da Silva

Graduado em Psicologia, URI, rafaeltorres.psi@gmail.com

Resumo: O suicídio não diz respeito a qualquer morte. É uma morte em específico, uma determinada morte voluntária que acontece dentro da sociedade capitalista em que vivemos. E a partir disso é importante pensar como isso acontece e o que determina, para refletir em maneiras de como lidar com esse acontecimento. Primeiramente, usa-se a palavra “suicídio” para designar uma maneira de morrer, ou seja, de tirar a própria vida de uma maneira intencional. Por outro lado, através de uma ótica mais moralizante, o suicídio é visto como algo pecaminoso, criminoso, injustiçado – resumindo, como algo mal. É a partir do século V que a morte de si passa a ter uma conotação pecaminosa. Posteriormente, na Idade Média, passa a ser vista como um crime porque não ia de acordo com os interesses da Coroa – as famílias dos suicidas tinham seus bens confiscados e os cadáveres eram penalizados. No fim da Idade Média, o poder médico passou a ocupar uma posição de poder e controle da sociedade, estabelecendo, assim, uma hierarquia em que “os médicos” daquela época definiam a negatividade da morte voluntária e mudando esse acontecimento de pecado para loucura. Assim, o suicídio foi se constituindo como um fenômeno com características específicas em momentos históricos distintos. Atualmente, o suicídio ainda se expressa na sua essência como algo “mal” e traz uma visão mais desenvolvida das formas anteriores. Uma visão moralizante persiste, que vê e compreende o ato como algo extremamente negativo, do qual se busca um afastamento contínuo. Importante frisar que a morte em si é vista como um tabu, as pessoas não gostam e não querem falar ou ouvir sobre morte. Dessa forma, dentro deste contexto, o suicídio remete-se a um problema maior. Ou seja, por haver esse afastamento do assunto relacionado à morte, busque-se a manutenção da vida a qualquer custo, independente das consequências às

próprias pessoas e a qualidade de vida mantida. Num sentido de sobreviver, mas não viver. Em uma sociedade que não quer lidar com a morte, que busca escondê-la ou afastá-la a todo custo para impedir o seu acontecimento, alguém que tente ou consiga tirar a própria vida é visto como “um louco”. É a partir da instauração desse estigma que vêm as justificativas dos motivos que as pessoas tentam ou até conseguem tirar a própria vida. Fala-se do suicídio dentro da sociedade capitalista, que se baseia na exploração e marcada por opressão, desigualdade, competitividade e individualismo. Essa estrutura em que vivemos traz um “padrão” a ser vivido – seja de beleza, profissional, social, financeiro ou amoroso – e, assim, estrutura uma pressão para ser de acordo com esse padrão inatingível, tendo como consequência sentimentos de insuficiência ao não alcançar esse objetivo idealizado. Dentro de todo esse contexto, é pertinente promover questões que valorizem a vida e desconstruam esses padrões tóxicos que a sociedade capitalista constituiu, promovendo pensamentos de que cada ser humano tem seu próprio padrão de acordo com sua realidade única e isso não é errado.

Palavras-chave: Suicídio. Estigma. Desconstrução.

TENACIDADE MENTAL, TRANSFORMANDO TRAUMA E AMBIENTE HOSTIL EM FORÇA PSICOLÓGICA E PRODUZINDO RESULTADOS SEM LIMITES

Daniel Andrei Rodrigues da Silva

Graduando em Administração, CNEC, daniel.rodrigues@gmail.com

Resumo: Um campo relativamente novo e pouco explorado, um atributo intrínseco a capacidade racional do ser humano, uma habilidade que leva a feitos considerados impossíveis pela quantidade majoritária dos seres humanos, a tenacidade mental. A capacidade de utilizar a mente para ultrapassar obstáculos e adversidades impetuosas, condicionar uma autodisciplina consistente e rígida mesmo frente a condições de extrema adversidade, nutrir o foco com determinação motivada, a mentalidade de nunca desistir e buscar excelência. Essas são as características dadas a mente tenaz, muitíssima utilizada por atletas de alto rendimento, executivos e militares de forças especiais. Através da pesquisa bibliográfica, documental e artigos científicos, se tornou de grande importância trazer o assunto a luz, pois o mesmo pode ser uma ferramenta de mudança social-comportamental, apresentando novos conceitos sobre a experiência de viver, alternativas de reações frente à desafios e estratégias para mudar o mundo pessoal. Foi realizada uma pesquisa nos anos 80, confirmando que 82% dos treinadores de atletas consideravam a tenacidade mental como o atributo psicológico mais importante para ser desenvolvido, porém apenas 9% deles acreditavam que conseguiam ensiná-la. A questão mais importante da pesquisa recaiu em como ela é ensinada, como alguém a desenvolve? Como um indivíduo que passou por situações traumáticas extremas, ambientes familiares abusivos, eventos que a condicionaram a experiência de estresse intenso, consegue utilizar tais fatos para aumentar seus atributos mentais e atingir resultados totalmente impensados? Precisamente a pergunta responde à questão, essa capacidade pode ser tanto ensinada quanto aprendida individualmente. Instruída através de estratégias de desenvolvimento psicológico, desde a definição de metas, desenvolvimento de motivação e confiança, elaboração de ambientes de

laboração propícios. Não obstante, o aprender individualmente adentra na questão da influência do ambiente que a indivíduo cresceu. Acreditasse que certos traumas, crescimento em ambientes hostis, tornam um indivíduo um ser mais tenaz, porém o efetivo desenvolvimento da tenacidade mental neste caso, depende de inúmeros fatores que determinarão se o indivíduo terá uma boa saúde mental para desenvolvê-la. Existe um crescente interesse no estudo de tenacidade mental pelos pesquisadores, alguns até mesmo criaram estruturas teóricas como os 4 Cs da tenacidade mental (controle, comprometimento, competição e confiança), outros ainda utilizaram a teoria dos constructos pessoais de George Kelly. Há muito empirismo neste tema, justamente pelo fato que há muitos fatores subjetivos envolvidos, pois, cada indivíduo tem seus métodos de utilizar essa capacidade, visando que cada um tem uma percepção e reação diante a eventos que desenvolveram a tenacidade mental. Correr 100km em 24 horas, passar mais de 5 dias acordado com menos de 3 horas de sono, manter uma rotina de estudos constante durante meses, esses são exemplos de feitos realizados através do uso efetivo da tenacidade mental, porém não são resultados finais que interessam, mas sim toda a constância, tanto traumática, quanto programada, que os levou a serem atingidos. É importante verificar que esta é uma abordagem particularmente moderna. Em ilação, há necessidade reconhecer que este é um tema pouco explorado, podendo se tornar útil no desenvolvimento psicológico e até mesmo tratamentos com esta metodologia.

Palavras-chave: Psicologia. Tenacidade Mental. Desenvolvimento.

INDICADORES DE RISCO PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL (IRDI): QUESTÃO DE TEMPO

Miriam de Andrade

Graduanda em Psicologia, URI, milly_deandrade@hotmail.com

Patrícia de Oliveira Santana

Graduanda em Psicologia, URI, santanapaty@outlook.com

José Vicente Nunes de Alcantara

Professor do Curso de Psicologia, URI, jalcantara@san.uri.br

Resumo: Com o advento da modernidade, a inserção da mulher no mercado de trabalho, a introdução de bebês/crianças em escolas de educação infantil vem se naturalizando. Doravante, neste contexto, surgem questões como a constituição do sujeito fora do ambiente familiar, as interações estabelecidas e as marcas desta visto que permanece bastante tempo com os educadores. Os primeiros dezoito meses de vida são cruciais, tanto para seu crescimento maturacional, como para o desenvolvimento da subjetividade, onde a relação com um Outro (cuidador), capaz de sustentar as necessidades do bebê, função maternante, são bases fundamentais para o desenvolvimento físico e psíquico. A fim de averiguar este processo de constituição como sujeito de bebês/crianças de 0 à 18 meses utilizamos o Protocolo IRDI adaptado para uso no contexto de educação infantil. Foi realizado acompanhamento semanal durante nove meses, registrados em Diários de Campo, analisados em grupo de estudo, no qual discutiu-se a situação dos bebês e os indicadores verificados. Observamos 2 bebês, Eduardo (nome fictício) com 6 meses, olhar inseguro e curioso, observador e Luiza (nome fictício) de 4 meses, inicialmente quieta, bem arrumada, seguidamente adoecia o que fazia incerta a possibilidade de participar da pesquisa. Ambos inicialmente apresentavam comportamento retraído e por vezes demandavam de atenção exclusiva da professora ou monitora. Cada um tem sua forma de se expressar e de se comportar, Eduardo rejeitava certas texturas de alimento, pouco socializava, dormia bastante, permanecia longo tempo em silêncio, observando, algumas

vezes arriscava andar se segurando em objetos, gostava de assistir desenho e mamar. Luiza após semanas interagia mais com os colegas, fazia carinho, manifestava o que queria, interagia conosco através do olhar, gostava de ouvir as professoras cantarem e acompanhava com gestos, outros dias permanecia mais calada, observadora. As professoras e monitoras se demonstraram muito criativas nas atividades propostas, demonstravam conhecer as crianças, sabiam o que comiam, ou não e como, Luiza em uma das observações só comia se a professora cantasse. Eduardo havia começado a engatinhar, mas em casa não o fazia, Luiza não conseguia firmar as pernas para andar, virava os pés para fora. Nos contaram que os pais de Eduardo não lhe davam atenção, que não tinham tempo para ele, com tom de preocupação, denotando o afeto, que é fundamental no cuidado. Nas entrevistas trouxeram que cada criança tem sua forma de se comunicar e que procuram entendê-las na medida do possível. No período de acompanhamento constataram-se aspectos preocupantes, a demora para andar e a incerteza se o fariam, a forma de interagir que inicialmente era precária, pouco entrosamento, o isolamento. Neste sentido, os indicadores de risco foram desaparecendo à medida que eram vistos e estimulados e pouco a pouco ambos aprenderam a firmar as pernas e andar e a estar e ser em grupo. Pode-se observar que o trabalho da escola foi fundamental para que o desenvolvimento seguisse adequadamente, foi uma questão de tempo e empenho no cuidado. Segundo o protocolo IRDI não constatamos a presença de possíveis patologias severas ao desenvolvimento infantil e à constituição do sujeito.

Palavras-chave: IRDI. Desenvolvimento. Educação Infantil.

A MEDIAÇÃO E A TERAPIA DO REENCONTRO MEDIADO

Caroline Martins de Almeida

Graduanda em Direito, URI, caroline_ma7@hotmail.com

Táise Fernandes Pereira

Graduanda em Direito, URI, tais_fernandes140596@hotmail.com

Janete Rosa Martins

Professora do Curso de Direito, URI, janete@san.uri.br

Resumo: As relações interpessoais que cercam diariamente o indivíduo deixam marcas. Marcas essas, que posteriormente vêm a determinar se essa relação será mantida ou não. Como o dito popular já nos diz: “A primeira impressão é a que fica”, conexão essa que, ao final de uma conversa, pode ser vista como amigável, firmando-se assim uma relação de amizade, ou formando um conflito. Quando forma-se o conflito tende-se ocorrer o afastamento com o desafeto. Esse, conflito pode ser mediado. Luis Alberto Warat, nos mostra que pode-se resolver o conflito através da psicoterapia do amor mediado. Fazendo um contraponto entre o que a Mediação é e o que ela não é, através um olhar amoroso, de um crescimento interior, deixando de lado a visão da mediação ser um acordo de interesses, de promessas estabelecidas, da visão comum do litígio. Esse, é problema central que o presente resumo pretende abordar bem como demonstrar uma compreensão mais leve do conflito, sem toda a carga negativa que ele contém, através da sensibilidade, como Warat expõe, muitas vezes, as palavras não expressam o desejo das partes. É a mediação concentrada no encontro com o outro e não na procura de acordo, não tendo soluções orientadas, pois cada um de nós tem em si as respostas para o conflito e cabe, ao mediador auxiliar as partes nessa busca interior, assistindo o outro, colocando-se no lugar do outro, o vendo sem nenhum véu a cegar os olhos, tentando entendê-lo e compreendê-lo de maneira genuína, sem nossas obscuridades pessoais, pré-julgamentos encontrados na obra de Luis Alberto Warat.

Palavras-chave: Amor. Mediação. Reencontro.

VIVÊNCIAS DE REFUGIADOS APÓS O PROCESSO DE MIGRAÇÃO

Vitória Valentina Devicari Margutti

Graduanda em Psicologia, URI, vitoria-margutti@hotmail.com

Giana Bernardi Brum Vendruscolo

Professora do Curso de Psicologia, URI, giana@san.uri.br

Resumo: Em decorrência de inúmeros conflitos, inúmeras pessoas deixam seus países de origem, em razão de conflitos armados, mudanças climáticas, violência, perseguição, violação de direitos humanos, desigualdade socioeconômica e altos níveis de pobreza, e o Brasil tem sido a porta de entrada para muitos destes imigrantes. O estudo teve como objetivo geral analisar as vivências de refugiados após o processo de migração. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três sujeitos refugiados contendo seis perguntas, com o intuito de verificar as vivências e os sentimentos de estar longe de seu país de origem. A forma de acesso aos sujeitos se deu por acessibilidade. O estudo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa qualitativa com classificação descritiva e exploratória e delineamento de estudo de caso e os dados obtidos na pesquisa foram analisados através da análise de conteúdo. Com essa pesquisa foi constatado que estes sujeitos vieram por questões financeiras, a fim de prover os seus direitos mais básicos, se deslocaram por sobrevivência e na intenção de ajudar seus familiares que permanecem no país de origem e que motivados por essa oportunidade estes suportam sentimentos para além da saudade. Enfrentam dificuldades, nas questões climáticas, no idioma e principalmente em conseguir empregos. Em relação ao preconceito relatam terem sofrido alguns olhares, onde dois dos sujeitos trouxeram a questão da cor como forma de preconceito em relação a eles. Os três sujeitos referiram terem sido muito bem acolhidos e recebidos na comunidade em que estão inseridos. Todo esse processo é em busca de uma vida melhor, de seus direitos mais básicos para ter uma vida digna e livre.

Palavras-chave: Refugiados. Vivências. Sentimentos. Migração.

A REPRESENTAÇÃO DA RELIGIOSIDADE/ ESPIRITUALIDADE NO PROCESSO DE CURA DE PACIENTES ACOMETIDOS POR ENFERMIDADE GRAVE

Daniele Pilan Konzen

Graduanda em Psicologia, URI, danielekonzen@hotmail.com

Rejane La Bella Flach Cunegatto

Professora do Curso de Psicologia, URI, rejanecunegatto@san.uri.br

Resumo: Normalmente pessoas acometidas por enfermidades, sejam graves ou não, tendem a voltar-se para questões de cunho religioso ou espiritual com objetivo de melhor compreender o processo que estão enfrentando, possibilitando assim reflexões sobre tal situação. A escolha do tema surgiu em virtude do aumento de indivíduos que buscam um conforto em momentos de dificuldade e um “norte” em situações de dilemas, também pelos poucos estudos realizados sobre tal até o momento. Algumas pesquisas sobre a temática sugerem que o envolvimento religioso acaba sendo associado a bem estar psicológico sendo satisfação a vida, saúde física e mental e até felicidade. A questão que norteou esta pesquisa foi “Qual a representação da religiosidade/espiritualidade no processo de cura de pacientes que estiveram acometidos por enfermidade grave?” O objetivo foi analisar a representação da religiosidade/espiritualidade no processo de cura de pacientes que estiveram acometidos por enfermidade grave. A metodologia utilizada para realização da pesquisa foi qualitativa, descritiva e exploratória, delineamento a partir de estudo de caso múltiplo, como instrumento entrevista semiestruturada. A amostra foi composta por três indivíduos, maiores de 18 anos de idade, de ambos os sexos que passaram por um processo de enfermidade grave e resignificaram a doença a partir da religiosidade ou espiritualidade. Através das falas dos sujeitos que compuseram a pesquisa, constatou-se que todos acreditam que a existência de algo “superior” ou “divino” tem influência no processo de cura, sem deixar de lado a ciência que compõe o processo. Fora observado que a espiritualidade ou a religiosidade podem surgir como um apoio em momentos de extremo

sentimento de angústia, de forma a significar essa situação.

Palavras-chave: Religiosidade/Espiritualidade. Cura. Enfermidade grave.

O TRABALHO NO CÁRCERE: PERCEPÇÕES DAS AGENTES PENITENCIÁRIAS DECORRENTES DA PROFISSÃO

Maire Alves Lopes Rodrigues

Graduanda em Psicologia, URI, mairelopes@hotmail.com

Giana Bernardi Brum Vendruscolo

Professora do Curso de Psicologia, URI, giana@san.uri.br

Resumo: O sistema penitenciário brasileiro é muito conhecido pela superpopulação carcerária, a escassez de recursos e as péssimas condições em que se encontram as cadeias. Para vigiar e manter a ordem desse enorme sistema estão os agentes penitenciários que desempenham uma profissão classificada, por diversas razões, como arriscada e estressante. Por trabalharem privados de liberdade, em um ambiente de risco e terem a profissão muito estigmatizada com conceitos indesejáveis é possível que fora do sistema penitenciário os sujeitos carreguem consigo todo o peso da profissão e que isto leve a prejuízos no seu viver familiar e social. Com desejo de compreender, a partir da ótica feminina, sobre os ambientes e pessoas que trabalham com a promoção da segurança e controle da violência e como isto repercute em suas vidas, desenvolveu-se esta pesquisa, que objetiva analisar as percepções das agentes penitenciárias sobre o exercício profissional. Os sujeitos da pesquisa foram quatro agentes penitenciárias do sexo feminino, que exercem a profissão há pelo menos um ano, encontradas por acessibilidade. O instrumento utilizado foi uma entrevista semiestruturada contendo seis questões, onde as respostas foram gravadas, transcritas e após, os áudios foram descartados. O tipo de análise utilizada foi a análise de conteúdo. Foram resultados dessa pesquisa a estabilidade como fator crucial para escolha da profissão, a presença de sentimentos como o medo quanto a segurança, dentro e fora do ambiente carcerário, que conseqüentemente leva a mudanças na rotina pessoal das agentes e sentimento de portar o estigma da profissão. Também foram resultados significativos as vivências de situações estressoras no ambiente de trabalho e as formas de superação das mesmas e as diferenças, quanto ao gênero, encontradas no desempenho de atividades. Compreende-

se que, em diferentes níveis, há sofrimento inerente a profissão, seja com as diferenças implicadas nas relações de gênero, com o risco de violência iminente e com o medo que persegue até mesmo fora do ambiente prisional, ou ainda com experiências singulares, em que fez-se necessário o auxílio psicológico. Entende-se que os eventos estressores repercutem nos sujeitos, mas que outros fatores são determinantes na resposta do indivíduo à situação vivenciada, como a sua vulnerabilidade, traços de seu caráter e formas de lidar com situações anteriores de sua vida. Mas apesar do sofrimento elas também vivenciam prazer no trabalho, pois conseguem desenvolver o apoio coletivo, descrito como união da categoria e ambiente descontraído, que muito auxilia na superação de dificuldades encontradas no exercício profissional.

Palavras-chave: Agentes Penitenciárias. Sentimentos. Vivências.

PAIS ANALFABETOS OU SEMIANALFABETOS E O MANEJO DAS QUESTÕES EDUCACIONAIS ESCOLARES DOS SEUS FILHOS

Cléber Rafael Schmidt Anderle

Graduando em Psicologia, URI, cleber_schmidt@hotmail.com

Lizete Diegues Piber

Professora do Curso de Psicologia, URI, lizeted@san.uri.br

Resumo: Essa pesquisa tem como tema pais e escola e busca entender as formas de manejo que pais analfabetos ou semianalfabetos em relação as questões educacionais escolares dos seus filhos. Podemos perceber que o manejo familiar vai muito além de um simples cuidado, mas sim, engloba todo um desdobramento e transformação da rotina familiar para se criar um ambiente favorável, garantindo assim, um desenvolvimento saudável do ponto de vista biopsicossocial. O objetivo geral foi analisar o manejo que pais analfabetos ou semianalfabetos tem frente a educação escolar dos filhos que frequentam o 1º, 5º e 9º ano do ensino fundamental. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, com delineamento de estudo de caso múltiplo, sendo utilizado como instrumento de coleta de dados uma entrevista semiestruturada contendo 08 questões. A análise dos dados foi feita através de análise de conteúdo. Quando o filho é bem-sucedido nas provas as participantes relatam que motivam e parabenizam, com objetivo de que eles continuem obtendo boas notas. Mesmo com o insucesso o uso do diálogo é adotado, na tentativa de entender a individualidade do filho e dos problemas escolares. Quanto à participação no ambiente escolar os participantes manifestam interesse em estarem sempre presentes, acompanhando a evolução escolar dos filhos. No acompanhamento das tarefas dos filhos, os participantes revelam ter uma certa dificuldade por conta de suas condições escolares, ou seja, por não terem completado suas alfabetizações. Também se percebe uma desconstrução das cargas psíquicas, da transgeracionalidade ou herança, que foi passada de pais para filhos, desse modo, quando constituíram suas famílias e nas formas de manejo dos filhos os participantes revisaram como foram criados e a partir

disso, se utilizaram de formas diferentes buscando que o filho não passe pelas mesmas situações e dificuldades que eles tem hoje. Essa pesquisa revelou sua relevância social, na medida em que produziu reflexões sobre o entendimento do contexto da escola e uma compreensão mais aprofundada sobre os diferentes processos que as famílias utilizam para o manejo, bem como o interesse dos participantes ao longo da evolução escolar do filho, além da desconstrução da narrativa transgeracional.

Palavras-chave: Psicologia Escolar. Pais Analfabetos/Semianalfabetos. Relação Pais e Filhos.

COSMOPOLITISMO, PROBLEMAS MUNDIAIS E DIREITOS HUMANOS

Jonathan Dalla Rosa Melo

Doutorando em Direito, UNIJUÍ, jonathandallarosa@gmail.com

Jordana Gabriele Vettorato

Graduanda em Ciências Biológicas, URI, jordana_gvettorato@hotmail.com

Guilherme Mendes Manske

Graduando em Ciências Biológicas, URI, guimanske@gmail.com

Resumo: Contextualizar a realidade africana e outras tantas, é o desafio que o cosmopolitismo coloca para esses países na direção de criar oportunidades para que se posicionem como agentes mais ativos frente a uma globalização elitista. Defende-se um cosmopolitismo justo, que propicia o diálogo humanista e aproxima os povos: “É um sentimento transfronteiriço. E mais do que um sentimento, uma necessidade e um dever de ação à escala planetária em que todos os direitos sejam garantidos para todos entre todos”, é o que se declara como fundamental. A palavra cosmopolitismo vem do grego [cosmo politos], que significa cidadão do cosmos e do mundo. Afirmar que precisamos de uma noção global de cidadania, é fundamental. O cosmopolita diz que devemos nos reconhecer como responsáveis uns pelos outros coletivamente, como cidadãos que somos. O cosmopolita pensa ser bom que as pessoas sejam diferentes, que elas se importem com todos, mas não na noção do “todos somos iguais” ou do “devemos ser como eles”. Isso se opõe à ideia do universalismo que vê o outro como irmão somente se ele se enquadrar nos termos ou na cultura dele. Utiliza-se como autores o teórico cultural ganês Kwame Anthony Appiah e o sociólogo alemão Ulrich Beck para fundamentar sua visão de cosmopolitismo. Para o primeiro, o conceito base de cosmopolitismo surge como solução para os desafios do pensamento fundamentalista ou de qualquer tipo de imposição cultural. Para Appiah, “o reconhecimento da diferença em seu grau mais profundo, o dos valores que nos regem, é uma retomada da humanidade, é colocar nossa moral natural acima das inescapáveis diferenças sociais”. Assistir ao vídeo, um excerto do filme “Examined Life” (2008) é importante para a

compreensão. Já Ulrich Beck, enfatiza o professor, “sugere um novo paradigma nas ciências sociais que é precisamente o cosmopolitismo inspirado na expressão alemã ‘Welt Bürger’ que significa cidadão do mundo. E este significado serviu de fundo à discussão no século 18 e 19, relacionando a questão à ideia do patriotismo e nacionalismo”.

Palavras-chave: Cidadão do Mundo. Pensamento fundamentalista. Sentimentos transfronteiriço.

“ISSO NÃO É COISA DE MULHER!”: A SUBJETIVIDADE DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA CONTRA AS MULHERES EM ESPAÇOS DA SEGURANÇA PÚBLICA

Salete da Silva Hoch

Mestranda do Direito, URI, salete_hoch@hotmail.com

Rosângela Angelin

Professora do Curso de Direito, URI, rosangelaangelin@yahoo.com.br

Resumo: No cotidiano da sociedade patriarcal existem algumas “naturalizações” de papéis femininos e masculinos criados a partir das relações de poder e fundamentados por questões biológicas, o que tornaria as mulheres inaptas para algumas funções. Isso acaba por gerar comportamentos humanos e sociais nos quais as mulheres têm sido segregadas de espaços sociais. Resistindo a esse tipo de determinismo as mulheres, organizadas em movimentos feministas, pautaram demandas de igualdade, respeitando suas diferenças. Assim, as mulheres têm uma história de lutas bastante incisiva por direitos de reconhecimento e contra as mais variadas formas de violência, entre elas, a simbólica. Nesse contexto, teve-se muitos avanços nos espaços de trabalho tidos como estritamente “masculinos”, como é o caso da segurança pública. O ingresso de mulheres na Brigada Militar, como policiais militares, deu-se entre 1985 e 1986. A instituição possuía em atividades administrativas servidoras, no entanto eram servidoras civis e não militares. A história da criação do segmento feminino na corporação, teve início com a criação da Companhia de Polícia Militar Feminina. Mesmo diante da inserção das mulheres na segurança pública, espaço esse considerado masculino, a cultura patriarcal segue forte nesses ambientes. Assim sendo, para compreender melhor todo esse processo a pesquisa pauta-se no seguinte questionamento: quais as dificuldades encontradas pelas mulheres nesses espaços da segurança pública e que tipo de violência simbólica e subjetivas as policiais femininas tem se defrontado dentro da corporação? Consta-se que as policiais militares, dentro da corporação conquistaram seu espaço, não somente na área administrativa, mas também se efetivaram no policiamento

ostensivo, e nas demais áreas de atuação da Brigada Militar. Porém, seguem existindo violências simbólicas de gênero, manifestas no cotidiano do trabalho realizado que vão desde ao estereótipo exigido delas, até manifestações verbais espaços que ocupam dentro da corporação, denotando que as ideias patriarcais se manifestam de forma bem incisiva num espaço prioritariamente masculino, gerando uma violência simbólica. Assim, ainda de forma um tanto insipiente, as policiais militares femininas buscam sua afirmação e reconhecimento dentro da corporação.

Palavras-chave: Direitos das Mulheres. Polícia Militar. Tratamento Igualitário.

FEMINISMO INTERSECCIONAL E APRIMORAMENTO DAS RELAÇÕES HUMANAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Geovana Maciel da Fonseca

Graduanda em Direito, URI, geovanafonseca@aluno.santoangelo.uri.br

Varlei Machado da Rosa

Graduanda em Direito, URI, varleirosa@aluno.santoangelo.uri.br

Rosângela Angelin

Professora do Curso de Direito, URI, rosangelaangelin@yahoo.com.br

Resumo: Compreender os seres humanos em suas diversidades e vivências em sociedade segue sendo uma incógnita para estudos trans e multidisciplinares. Nessa caminhada os movimentos sociais têm exercido um importante papel, mas não se pode olvidar que, mesmo dentro deles, muitas questões da diversidade humana precisam ser revistas, como no caso dos movimentos feministas que acabaram pautando demandas bastante específicas. Assim, no estudo em questão, serão analisadas as contribuições no feminismo interseccional no aprimoramento das relações humanas. Por toda sua história, a luta feminista buscou alcançar os direitos equânimes entre homens e mulheres, assim como o empoderamento feminino e a libertação de opressões. No entanto, o movimento nem sempre integrou toda diversidade que defendia, em inúmeras pautas excluía aquelas mulheres que não faziam parte da pequena parcela de mulheres brancas e de classe média. Com tal característica, se torna inegável a condição das mulheres, que não se encaixavam nessa parcela, de desfavorecidas nas relações humanas, estando, muitas vezes, na base da pirâmide social. As mulheres negras, por exemplo, são tratadas como objetos sexuais e isso está diretamente ligado ao período colonial e a cultura de estupro, em que essas mulheres eram abusadas violentamente. A mulher negra, por muitas vezes, não é considerada humana por essa sociedade machista e racista, e sim a pessoa que está sempre pronta para o sexo. Do mesmo modo, as mulheres trans também sofrem com a solidão, seja em relacionamentos amorosos ou no abandono dos

familiares. Diante dessa sociedade machista e preconceituosa, as transexuais também são vistas como objetos sexuais e ainda, em sua grande maioria, são encontradas em locais de prostituição, a única alternativa para sobreviverem. Nesse sentido, o corpo das trans tem como encargo promover prazer e diversão para os outros. E quando não estão oferecendo prazer, as trans são tidas como aberrações, doentes e deploráveis na sociedade. Ao reconhecer que mulheres negras, trans e com diferentes orientações sexuais foram excluídas do movimento feminista majoritário, e por diversas vezes ainda são deixadas de lado nos dias atuais, surgem novas perspectivas do feminismo, como é o caso da vertente interseccional, que tentam abranger grupos oprimidos dentro do próprio movimento feminista. A temática do feminismo interseccional no aprimoramento das relações humanas traz uma nova visão sobre aquelas construções sociais do inconsciente popular de apenas uma opressão comum, mas sim vislumbrando a existência de diferentes tipos de opressões e como elas agem na vida de numerosas mulheres.

Palavras-chave: Feminismo interseccional. Relações Humanas. Sociedade contemporânea.

AS PERCEPÇÕES DE ADOLESCENTES QUE SE ENCONTRAM NA ADOLESCÊNCIA PROPRIAMENTE DITA, QUE VIVENCIAM OU VIVENCIARAM A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Rubia Cristiana Ferreira

Graduanda em Psicologia, URI, rcrisferreira@hotmail.com

Lizete Diegues Piber

Professora do Curso de Psicologia, URI, lizeted@san.uri.br

Resumo: No ambiente familiar é normal ocorrer conflitos, mas nem sempre se produzem danos aos seus membros, diferentemente de quando ocorre violência, a qual pode interferir no desenvolvimento psicossocial das crianças e adolescentes. Essa pesquisa se mostra relevante por permitir que os jovens falem de suas vivências e reflitam acerca da violência nas suas relações familiares, oportunizando a psicologia a compreensão da constituição subjetiva de adolescentes. O objetivo deste trabalho é analisar as percepções sobre violência doméstica de adolescentes que convivem ou conviveram com a mesma. Os participantes foram três adolescentes entre 14 e 17 anos, que vivenciaram a violência doméstica e o instrumento utilizado foi uma entrevista semiestruturada contendo oito questões, a análise utilizada foi a análise de conteúdo, onde se dividiu em 5 Categorias, Categoria A: Compreensão sobre violência doméstica; Categoria B: Vivências com pai e mãe; Categoria C: Influências da violência doméstica nas características emocionais; Categoria D: Interferências do comportamento adolescente na violência familiar; Categoria E: Consequências da violência doméstica na vida do adolescente. Os resultados evidenciaram que a violência doméstica presenciada produz consequências na vida dos adolescentes e isso se evidencia no dia a dia desses, influenciando no desenvolvimento de sua personalidade. A pesquisa identificou, a partir das falas dos adolescentes, que no ambiente familiar, que deveria ser um local de proteção e afeto, muitas vezes acaba ocorrendo o oposto. Observou-se nesses adolescentes a existência de diversos sentimentos envolvidos após ter vivenciado a violência doméstica no ambiente familiar: baixa autoestima, tristeza, raiva. O interesse dessa pesquisa

surge a partir da experiência vivenciada em um estágio realizado no Conselho Tutelar, onde durante a escuta, se apresentava algumas consequências na vida de adolescentes que vivenciam ou vivenciaram a violência doméstica, consequências essas manifestas através de problemas de comportamento. A violência doméstica serve como base para diferentes formas de violência, gerando experiências de atrocidade na adolescência. Sendo de grande importância a promoção de uma rede de apoio para todos envolvidos, inclusive para o agressor para que seja possível a reflexão de seus atos. A partir desses resultados percebe-se a importância do profissional de psicologia, para além de atuar nos momentos de crise acolhendo as vítimas, produzir intervenções trabalhando a autoestima, a identidade a partir da subjetividade de cada membro do contexto familiar, promovendo a reflexão do ponto de vista preventivo.

Palavras-chave: Violência doméstica. Adolescência. Família.

AGRESSIVIDADE INFÂNTIL COMO DEMANDA ESCOLAR

Laís Caroline Schröpfer

Graduanda em Psicologia, URI, laisschropfer@hotmail.com

José Vicente Nunes de Alcântara

Professor do Curso de Psicologia, URI, jalcantara@san.uri.br

Resumo: No percurso acadêmico, são necessários diversos contatos com a prática para o desenvolvimento do processo de tornar-se profissional, dessa forma, o presente trabalho é oriundo da experiência do Estágio de Práticas Clínicas, mais especificamente da Clínica Escola de Psicologia da universidade, que presta atendimento psicológico aos indivíduos da comunidade local. Dentre as demandas que vão ao encontro da clínica da universidade, encontram-se a agressividade infantil como queixa escolar, tendo em vista que tais instituições por vezes compreendem a clínica psicológica como modelo médico clássico, onde buscam a eliminação do sintoma considerado indesejável. Contudo, o processo terapêutico na clínica psicanalítica com crianças, consiste sobretudo na análise do brincar e das relações que se atualizam na transferência, para compreensão das ansiedades infantis. Dessa forma, quando tais casos de agressividade infantil chegam até a clínica, é necessário avaliar primeiramente o que esse sintoma representa, visto que ele emerge para comunicar algo. A agressividade infantil se manifesta nos diferentes estágios de desenvolvimento da criança, sendo inerente a natureza humana e pertence ao processo de construção da subjetividade do indivíduo. Nos casos analisados durante a prática clínica, observou-se que a agressividade presente nos indivíduos, apresentou-se como meio da criança se defender de um ambiente hostil que a cercava, assim, os comportamentos agressivos não devem ser interpretados equivocadamente como simples malcriações ou rebeldia. Outro aspecto observado nos casos, foi a dificuldade das instituições escolares em lidar com os comportamentos agressivos infantis, visto que é tentado impor valores e obrigações desde muito cedo, quando a criança ainda não detém recursos suficientes para compreendê-los. Contudo, essas situações podem ser trabalhadas, uma vez que a agressividade

está presente no processo de aprendizagem. Portanto, ressalta-se a importância da compreensão da agressividade não como um sintoma a ser eliminado, mas sim como um comportamento inerente ao desenvolvimento humano, que quando trabalhado pode atuar no processo de amadurecimento psíquico. A partir dessa compreensão, busca-se também a mudança do olhar do meio para com a criança, para que o trabalho psicoterapêutico produza demais resultados.

Palavras-chave: Psicoterapia. Infância. Agressividade.

FEMINISMO: UMA LUTA HISTÓRICA POR DIREITOS IGUAIS E RESPEITO

Fagner Fernandes Stasiaki

Graduando em Direito, URI, fagnerfstasiaki@aluno.santoangelo.uri.br

Thais Kerber de Marco

Professora do Curso de Direito, URI, thaiskerber@hotmail.com

Resumo: A presente pesquisa busca analisar aspectos históricos relacionados ao feminismo e a sua importância na conquista de direitos da mulher ao longo dos tempos, bem como entender a contribuição do feminismo, enquanto movimento social, em relação ao papel da mulher na sociedade. O feminismo diz respeito a transformações sociais e, não restam dúvidas que, há muito vem fazendo história no que se refere a lutas e reivindicações por direitos iguais, por quebrar paradigmas relacionados a mulher e, principalmente, relacionados ao seu papel na sociedade. As mulheres, são sujeitos de direitos, marcadas pelo patriarcado, que muito já excluiu e trouxe indiferença em sociedade, o que alavancou uma luta constante de reconhecimento social e identitário. Sendo assim, o feminismo não pode se tornar motivo para que os diferentes e também marcados de alguma forma pela dominação masculina, não lutem e busquem a garantia de direitos para todos/as. As lutas feministas foram de fundamental importância nas conquistas de direitos, liberdade e equidade para as mulheres, LGBTQ+ e até mesmo para os homens, pois, o feminismo busca garantir ideais relacionados a humanidade. Inúmeras foram as dificuldades enfrentadas para que a mulher exercesse sua cidadania, por meio de direitos, hoje, considerados fundamentais, inerentes a todo o ser humano, mas que foram negados. Durante muito tempo a mulher foi controlada, sobretudo, na vida política. Para elas, foram atribuídos lugares permitidos e lugares proibidos. Também, estaria incluída em alguns discursos e excluída em outros. Isso aconteceu devido ao próprio capitalismo e as forças contrárias que se criou ao movimento das mulheres. Dos lugares em que elas eram proibidas, certamente o mais claro era na política, lugar difícil de romper e que, também a excluía do seu lugar de fala. Diante disso, mesmo diante de todas as garantias legais alcançadas, diuturnamente é necessário afirmar,

discutir e assegurar a igualdade, o respeito as diferenças e a garantia de direitos e jamais esquecer as lutas históricas no que diz respeito aos direitos da mulher.

Palavras-chave: Feminismo. Contextualização Histórica. Direito.

MÁQUINA DE MODIFICAÇÃO DE COMPORTAMENTOS PARA ALUGAR

Anatiely Perez Menchik

Graduanda em Direito, URI, anatielyperez@gmail.com

Thami Covatti Piaia

Professora do Curso de Direito, URI, thamicovatti@hotmail.com

Resumo: O presente resumo buscar apresentar o termo *Bummer*, ou “*Behaviours of Users Modified, and Made into an Empire for Rent*” (comportamentos dos usuários modificados e transformados em um império para alugar), criado por um entusiasta do Vale do Silício e filósofo da computação Jaron Lanier, utilizado em seu livro “Dez argumentos para deletar agora suas redes sociais”. Com o surgimento da internet, as redes sociais ganharam espaço de destaque como facilitador para fins de comunicação entre as pessoas, e com o tempo tornaram-se o principal veículo de publicidade e propaganda da atualidade. Jaron Lanier esmiúça em seu livro o termo *Bummer*, que seriam os seis pilares utilizados pelas redes sociais para influenciar no comportamento de seus usuários. São estes: a Aquisição de Atenção que resulta na supremacia do babaca, de meter o Bedelho na vida de todo mundo, de Comprimir Conteúdo goela das pessoas abaixo, de Direcionar o comportamento das pessoas de maneira mais sorrateira possível, de Embolsar dinheiro ao deixar que os maiores babacas ferrem secretamente todas as outras pessoas e de multidões Falsas e sociedade Falsificadora. Este estilo plataforma contém um carácter extremamente viciante e vem sendo utilizada sem restrições por várias empresas. Como exemplo, podemos citar a *Cambridge Analytica*, como descrito no livro “21 lições para o século 21” de Yuval Noah Harari, através do escândalo envolvendo a empresa se revelou-se que “dados que foram confiados ao *Facebook* tinham sido colhidos por terceiros e usados para manipular eleições em todo o mundo”. O que antigamente eram apenas propagandas que ofereciam produtos, hoje por meio de algoritmos complexos e um banco de dados que contém mais informações sobre o usuário do que ele pode imaginar, tornou-se uma máquina de modificar comportamentos, como diz Lanier, e alcança nossos pensamentos, a maneira de agirmos e até como

tomamos decisões, com o uso direcionado de informações customizadas. Porém, estas interações entre o algoritmo e o usuário são atualmente indetectáveis, o que torna impossível encontrar a quem responsabilizar. Mudanças legislativas vem sendo propostas ao redor do mundo com o objetivo de proteger o usuário e sua pegada digital, e assim buscar refrear o uso abusivo por parte das empresas e da utilização dos dados dos usuários. O autor faz uma analogia do uso das redes sociais com o uso de tintas que possuem chumbo, que apesar de seu uso ser prejudicial à saúde, apenas pessoas inteligentes esperaram até que houvesse uma versão segura, as demais seguiram pintando suas casas. Logo, a solução indicada por Lenier não é a de abolir para sempre o uso das novas mídias, que possuem benefícios quanto ao campo da comunicação e facilita muito a vida das pessoas, mas sim, passarem a utilizar um design que não seja tão nocivo ao usuário.

Palavras-chave: Bummer. Redes sociais. Modificação de comportamento.

O ESPAÇO OCUPADO PELO CAPS NA VIVÊNCIA DE MULHERES DIAGNOSTICADAS COM TRANSTORNOS MENTAIS

Luana da Fonseca Patias

Graduanda em Psicologia, URI, luanafpatias0212@gmail.com

José Vicente Nunes de Alcantara

Professor do Curso de Psicologia, URI, jalcantara@san.uri.br

Resumo: Na década de setenta, as técnicas asilares em tratamentos psiquiátricos indagaram questionamentos. Antes, pessoas estereotipadas como loucas eram isoladas e confinadas, privadas de seus direitos como ser humano e tinham uma baixa assistência médica, técnica e psicológica. A reforma psiquiátrica conduziu a sociedade à desconstrução dos manicômios. Deste modo, hoje, sujeitos que necessitam de tratamentos psiquiátricos encontram assistência nos CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), os quais agem como um dispositivo que busca a ressocialização social. Estes foram criados para combater os antigos manicômios, assim como oferecer um serviço de maior qualidade de vida aos pacientes, com profissionais adequados e capacitados a disponibilizar um tratamento mais humanizado. A partir disto, neste Relato de experiência será discutida a importância do CAPS para mulheres que fazem parte de um grupo terapêutico, as quais se encontram semanalmente em uma instituição localizada no noroeste do RS. O grupo terapêutico insere as pacientes com diagnósticos psiquiátricos a interação social, objetivando-as a uma mesma finalidade, sendo assim, um grupo transmissor de saberes, conhecimento e aprendizagens. Assim, as mulheres encontram um espaço onde podem dialogar, trocar experiências e agir como mulheres “normais”. Através das dinâmicas de grupo e rodas de conversa as pacientes conseguem reproduzir e falar sobre experiências passadas as quais ainda causam muita angústia e dor. Por intermédio das intervenções da psicóloga e delas próprias, novas ressignificações surgem a essas experiências. Nestes encontros semanais, dá-se a estas mulheres um espaço de subjetivação, momentos em que estas são vistas como seres humanos compostos por uma história, por vivências e experiências. Desta forma, conhecimentos são

transmitidos e compartilhados, gerando processos de aprendizagem entre o grupo, o que além de terapêutico, torna-se um dos únicos e fundamentais momentos vivenciados pelos membros que o compõem. Com temáticas distintas, o grupo torna-se um espaço onde elas têm para externalizarem questões que ficam latentes por longos períodos. Durante os encontros as pacientes já relataram que no CAPS encontram um ambiente onde podem falar, produzir e pensar. Outras relatam que suas interações e crises diminuíram após maior acesso ao Centro de Atenção Psicossocial, bem como progredira no desenvolvimento de suas personalidades. Através dos encontros realizados até o momento, pode-se perceber que o CAPS contém um poderoso papel no cotidiano dessas mulheres. Para muitas, a ida semanal ao CAPS torna-se um momento único para conversas, interações, expor opiniões e serem ouvidas. Fica evidente que o CAPS é um ambiente de acolhimento a diferenças, dor e experiências, entretanto, o processo de aceitação ao diagnóstico torna-se um trabalho constante e gradual, pois, apesar do reconhecimento das atividades, trabalhos e aprendizagens trazidas através do CAPS, muitas ainda sonham com o momento da “cura”, como no caso de uma das mulheres a qual sempre traz ao grupo o discurso: “Me livrar da tal esquizofrenia”.

Palavras-chave: CAPS. Grupo. Mulheres.

ESCOLA SEM PARTIDO

Daniele Konzen

Graduanda em Psicologia, URI, danielekonzen@hotmail.com

Laís Schropfer

Graduanda em Psicologia, URI, laisschropfer@hotmail.com

Vitória Valentina Devicari Margutti

Graduanda em Psicologia, URI, vitoria-margutti@hotmail.com

Sandra Balbé de Freitas

Professora do Curso de Psicologia, URI, sbalbef@gmail.com

Resumo: O presente artigo foi desenvolvido na disciplina de realidade brasileira, este discute a implementação da lei que propõe o projeto Escola Sem Partido, qual irá vetar a manifestação de posições políticas, religiosas e referentes às ideologias de gênero no âmbito escolar, em busca de uma neutralidade educacional. Contudo, tal projeto fere os direitos constitucionais dos cidadãos, pois ameaça o respeito, a diversidade e o convívio democrático entre a pluralidade brasileira. Ademais, com as diversas restrições impostas no exercício docente, tornara-se inviável o desenvolvimento da capacidade de reflexão crítica dos estudantes quanto às questões sociais, que contribui para aceitar as condições de dominação que o governo neoliberalista impõe. Essa nova proposta impede não só a autonomia do aluno como a atividade profissional dos professores seja exercida de modo pleno, deixando-os também a mercê do país. Haja vista que temas tão importantes como questões de gênero e até mesmo questões partidárias, tão alarmantes atualmente em nossa sociedade não poderão mais ser colocados em pauta na sala de aula. E entres esses direitos está o acesso a uma pluralidade de visões de mundo, produção autônoma de suas próprias ideias. As propostas impedem a educação sexual e o combate ao preconceito e intolerância, sob o argumento de preservar a soberania da família na formação moral dos mais novos. O pensamento crítico do aluno deixará de ser estimulado. Desta forma, torna-se fundamental, reflexões e discussões acerca do tema para que essa lei da mordaza não venha a usurpar o senso crítico

da população, dando um passo em direção a um retrocesso ditatorial no país. A escola deve ser um espaço de sensibilidade social, necessária para reorientar a sociedade, sem mais segregações e proporcionando direitos e lugares a todos em sua singularidade.

Palavras-chave: Escola sem partido. Lei da mordaza. Educação.

STRESS EM TRABALHADORES DA SAÚDE

Luana da Fonseca Patias

Graduanda em Psicologia, URI, luanafpatias0212@gmail.com

Giana Bernardi Brum Vendruscolo

Professora do Curso de Psicologia, URI, giana@san.uri.br

Resumo: O trabalho é um dos meios encontrados pelo homem de realizar-se como ser humano, age como um dispositivo que possibilita ao mesmo a buscar por conhecimento, interação, crescimento e transformação. Torna-se cada vez mais importante na vida em sociedade. O mesmo infere diretamente nas realizações tanto profissionais quanto pessoais, no reconhecimento, autoestima e personalidade do indivíduo. Entre os trabalhadores, problemas como carga horária, situações adversas, stress e falta de reconhecimento podem ser citados, o que levam o trabalhador a desgastes psíquicos e físicos, podendo prejudicar a qualidade de vida dos mesmos. Deste modo, o trabalho pode desencadear sintomas e doenças, agindo como meio de demonstrar o sofrimento interiorizado e insatisfações em relação ao meio trabalhista. A partir disto, foi realizada em um município do noroeste do Rio Grande do Sul uma pesquisa quantitativa, descritiva e exploratória com os trabalhadores de três ESFs (Estratégias Saúde da Família), a fim de averiguar os índices de Stress Ocupacional presentes na sintomatica dos trabalhadores. Neste resumo, tais ESFs serão apresentadas com nomes fictícios para desta forma evitar a exposição das mesmas, sendo assim representados por letras. Para tanto, fez-se o uso da Escala de Estresse no trabalho (EET), a qual é utilizada para apurar se há ou não estresse no meio trabalhista. A EET possui 23 questões com respostas no tipo Likert, sendo de 1 a 5, onde 1 é discordo totalmente e 5 concordo totalmente. De modo geral, as equipes demonstraram um bom relacionamento interpessoal e satisfação com carga horária, entretanto, ainda há elementos estressores nas ESFs em que a pesquisa foi aplicada, resultando em dados apontando que 25% da equipe do ESF A apresentaram Stress ocupacional. A equipe do ESF B apresentou que 25% de sua equipe contém sintomas de Stress, já o dado mais alarmante foi encontrado na equipe do ESF C, onde 60% da equipe evidenciaram Stress, o que

indica um alto índice de adoecimento psíquico-mental relacionado ao trabalho. Dando importância a presença de Stress ocupacional em diversos membros das equipes, este pode estar interligado a diversos fatores, como por exemplo, uma demanda além da capacidade de execução do trabalhador. Tendo em vista o desgaste em se trabalhar na Saúde Pública, o servidor torna-se vulnerável e exposto a agressões verbais, além de ter que enfrentar uma ultrapassada demanda, encontra-se exposto a elementos estressores, resultantes em sintomas de adoecimento psíquico.

Palavras-chave: Stress. ESF. Trabalho.

A INTERAÇÃO GRUPAL PRÉ-ADOLESCENTE NO CONTEXTO INSTITUCIONAL

Marielle Machado da Silva

Graduanda em Psicologia, Uri, ma.ri.elle@hotmail.com

Daniele Pilan Konzen

Graduanda em Psicologia, Uri, danielekozen@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho foi desenvolvido em uma instituição no município de Santo Ângelo, a partir do estágio básico de grupos do curso de psicologia, tendo como objetivo acompanhar um grupo de dezoito pré-adolescentes, na faixa etária de onze a quatorze anos de idade, buscando compreender e observar a interação grupal e o vínculo existente entre elas, elaborando atividades que estimulassem o grupo de forma positiva, desenvolvendo a capacidade de empatia e respeito. Esta instituição é uma entidade de sociedade civil, filantrópica e beneficente e tem como principal missão promover e articular ações de defesa de prestação de serviços, direitos, orientação familiar e prevenção, e almeja a melhoria de vida de meninas, assim, construindo uma sociedade mais igualitária e justa. Foram realizados dez encontros, em um período de dois meses e meio. Durante cada encontro foi possível propor diferentes atividades com as meninas, visando aprofundar os laços e incentivando a reflexão coletiva e individual sobre diversos temas. Ao longo do desenvolvimento das atividades em grupo, foi possível observar os diferentes papéis desempenhados por elas, e a partir desse ponto conhecer cada uma e compreender a dinâmica grupal. Ao total foram dez encontros, todos com duração de uma hora, desenvolvidos em diferentes espaços dessa instituição, tais como: sala de aula, biblioteca, área coberta e parquinho, sempre levando em conta a demanda das meninas. Durante os dez encontros, previstos na regulamentação do estágio, foi possível observar as diferentes maneiras de convivência entre as meninas, como era o relacionamento interpessoal e também qual a forma de tratamento que elas recebiam por parte da instituição. Propomos atividades bem elaboradas, inclusive sugeridas por elas mesmas, procuramos criar um espaço onde elas pudessem sentir-se bem, agir de maneira espontânea, falar sobre assuntos que lhes gerassem dúvidas, sem

as normas rígidas, que estavam habituadas. O trabalho com grupos é sempre desafiador, pois o coordenador tem a missão em alguns casos de integrar os membros do grupo ou de se integrar a um grupo já existente, que foi o nosso caso como coordenadoras, buscamos nos integrar e trabalhar com um grupo já existente de pré-adolescentes. O grupo é capaz de proporcionar ou de fortalecer uma rede de vínculos entre seus membros e a coordenação, pois há uma troca de afetos, reflexões, vivências e experiências que constituem a relação grupal.

Palavras-chave: Grupo. Pré-adolescentes. Interação.

A RESSOCIALIZAÇÃO PRISIONAL SOB A ÓTICA DA PSICOLOGIA

Julia Caroline da Ponte

Graduanda em Direito, URI, juliacarolinedaponte7@gmail.com

Isadora Sorteia da Ponte

Graduanda em Direito, URI, isadorasorteiadaponte@gmail.com

Resumo: A relação entre a Psicologia e o Sistema Prisional é marcada por uma trágica aliança reforçadora dos danos, das dores e enganos trazidos pelas ideias de punição que se tem nos dias atuais, como sendo uma forma de controle dos comportamentos negativos e indesejáveis, que são tratados pela sociedade como “crimes”. Cabe ressaltar que os presídios são lugares inóspitos, inadequados e altamente corruptíveis, fazendo com que haja a necessidade de um acompanhamento psicológico durante e após o cumprimento da pena. O trabalho de um psicólogo, tanto externa quanto internamente no sistema prisional é indispensável, tendo em vista que sua atuação é voltada para a garantia dos direitos humanos, como a dignidade, igualdade e integridade, priorizando a autonomia do sujeito e procurando fazer com que a Lei de Execuções Penais (LEP), seja devidamente efetivada, trazendo resultados satisfatórios. A instrução psicológica é voltada para a compreensão dos desejos e impulsos do indivíduo, auxilia no controle daquilo considerado prejudicial à sua reinserção. A avaliação psicológica pode percorrer toda a vida do indivíduo, e, por lógica, todo o processo penal, auxiliando na compreensão, estudo e avaliação da pessoa. Sendo então analisado se caberá a possibilidade de se realizar o psicodiagnóstico em detentos, para averiguar o momento ideal para que seja concedida a progressão da pena. Conviver durante anos num espaço sem o mínimo necessário para suprir as necessidades mais básicas do ser humano não conduz alguém a um estado de satisfação com a sociedade, muito pelo contrário. O que devia ser o objetivo da sanção criminal acaba se tornando um fator que impulsiona o presidiário de forma negativa, trazendo mais ao lado da reincidência que da reinserção social, sendo este um dos principais fatores de falha do sistema em si, contrariando o objetivo da pena previsto no Art. 1º da Lei de Execuções

Penais, o qual não é somente punir, mas preparar o indivíduo para sua reinserção social. Porém, devido à estrutura precária e um sistema penitenciário falho, a realidade se mostra bem distante do objetivo desejado. O sistema penitenciário e o Direito Penal necessitam de assistência e intervenção psicológica para estudo, avaliação e possível tratamento daquele detento, onde o psicólogo passa a ter papel fundamental na readaptação do indivíduo ao convívio social, não somente a fazendo diagnósticos, mas acompanhando o desenvolvimento, o andamento processual, e a rotina do detento de modo a complementar a lacuna que o sistema prisional apresenta que o impede de cumprir o seu objetivo principal: reinserir na sociedade aquele que deixou de fazer parte dela. A condição atual do sistema prisional brasileiro não garante aos presidiários condições de seguir um padrão de vida fora da prisão.

Palavras-chave: Ressocialização. Psicologia. Reinserção. Direito.

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PELO TRABALHO PARA A SAÚDE PET/SAÚDE INTERPROFISSIONALIDADE

Narciso Vieira Soares

Professor do Curso de Enfermagem, URI, nvsoares@san.uri.br

Miriam de Andrade

Graduanda em Psicologia, URI, milly_deandrade@hotmail.com

Resumo: O Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde PET-Saúde/ Interprofissionalidade é promovido pelo Ministério da Saúde desenvolvido por universidades integradas com as Secretarias Estaduais e/ou Municipais de Saúde no sentido de fortalecer práticas acadêmicas que interligam universidades a demandas sociais. Constitui-se em um programa de educação tutorial desenvolvido em grupos organizados, a partir de cursos de graduação das instituições de ensino superior do país. Visa promover mudanças no modelo de atenção e de educação na perspectiva da interprofissionalidade, da integralidade e humanização do cuidado aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS). O PET/Saúde Interprofissionalidade tem por objetivos desenvolver atividades acadêmicas mediante grupos de aprendizagem tutorial de natureza coletiva e interprofissional; contribuir para a elevação da qualidade da formação acadêmica dos alunos de graduação; estimular a formação de profissionais e docentes de elevada qualificação técnica, científica, tecnológica e acadêmica; estimular o espírito crítico, bem como a atuação profissional pautada pela cidadania e pela função social da educação superior. Assim, profissionais de diferentes formações na saúde, articulam seu saber específico com o dos outros, na organização do trabalho, no atendimento aos usuários do SUS, o que possibilita tanto compartilhar as ações como delegar atividades a outros profissionais, nos moldes de uma prática colaborativa. A participação no PET/Saúde Interprofissionalidade vem permitindo aos estudantes dos cursos de Educação Física, Enfermagem, Farmácia e Psicologia, mediados por professores de diferentes formações aprenderem e interagirem em conjunto, visualizando-se uma educação que valoriza o trabalho interprofissional, a integralidade e o

respeito às especificidades de cada profissão. As atividades desenvolvidas pelas bolsistas, mediadas pelos preceptores se dão nos ambientes da prática como na unidade de Estratégia Saúde da Família, em Unidades Básicas de Saúde do município de Santo Ângelo. Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência, o qual se configura como inovador por possibilitar transcorrer sobre o tema da integração acadêmica e interdisciplinar. As atividades estão sendo desenvolvidas na Estratégia de Saúde da Família no bairro São Carlos, na cidade de Santo Ângelo, Rio Grande do Sul, durante o período compreendido entre abril de 2019 e Agosto de 2019. As experiências proporcionada pelo atuação no PET/Saúde Interprofissionalidade vêm permitindo aos participantes conhecer como se dá o processo de atendimento aos no SUS, melhor compreender como funcionam as redes de atenção em saúde no município; interagir com trabalhadores e usuários do SUS na atenção básica. Entender como funciona a porta de entrada dos usuários no sistema de saúde, as fragilidades e as potencialidades no atendimento aos sujeitos que buscam atendimento.

Palavras-chave: Interprofissionalidade. Gestão em Saúde. Educação em Saúde.